

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra ame, e a minha gente.*
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 1.º

JULHO.

Reservado da Secção
Biblioteca Nacional

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.

1813.

Com Licença.

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na
rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma
se subscreve a 4000 reis por semestre.*

17-27/6



CHIMICA.

Memoria sobre hum novo principio da Theorica do Calorico. Per Silvestre Pinheiro Ferreira.

Quando acontece apresentar-nos a observação hum phenomeno, que, appezar de todos os esforços, não podemos reduzi-lo a nenhum dos principios constitutivos da Theorica da Sciencia, a que o phenomeno pertence; inferimos que a Theorica, sem ser falsa, he sem duvida defeituosa em seus principios.

Porém quando aquelle phenomeno, não só se não pôde reduzir a nenhum dos principios da Theorica, mas até se acha ser contrario a algum delles; he natural o concluirmos que esse principio, ou he hypothetico, ou que pelo menos tem sido demasiadamente generalisado.

Este ultimo he justamente o caso, que me parece verificar-se a respeito do principio o mais importante da Theoria do Calorico, se observarmos que na explosão da polvora ha desenvolvimento de Calorico, entretanto que os elementos da mesma polvora passão do estado de solidez, em que se achavão, ao estado gasoso, mediante a explosão.

He verdade que o immortal Lavoisier, tendo em vista este mesmo phenomeno, suppoz que o acido azotico (1) fixando-se na sua combinação com

a li

(1) Chamo assim ao que geralmente se chama acido nitrico, com humma manifesta e inexcusavel violação de hum dos mais luminosos principios da Nomenclatura Chimica, de se designar cada hum dos acidos pela sua respectiva base, sempre que esta he conhecida. He verdade que alguns Chímicos

a potassa, para a formação do nitro (hum dos principaes ingredientes da pólvora) conserva a maior parte do calorico, que continha no seu precedente estado gazoso.

Mas esta supposição de Lavoisier, além de não ser fundada em nenhum outro facto, senão aquelle mesmo, que por elle se pertence explicar, he incompativel com a Theoria, tal como ella nos tem sido ensinada até ao presente.

Por quanto essa supposta retenção de Calorico do acido azotico no azotato de potassa (ou nitro) não salva a difficuldade, de que passando os elementos da pólvora (corpo solido) ao estado gazoso, não só não tomão dos corpos ambientes calorico, fazendo que elles esfriem; mas antes perdem huma tão consideravel porção d'elle, que se manifesta na calorificação excessiva de tudo o que os cerca até huma notavel distancia.

Eu estou certo que estas e outras semelhantes reflexoens se offerecerão ao espirito penetrante, que regenerou a Chymica; mas como esta consideração o demoraria na rapida carreira que seguia; contentou-se com aventurar esta simples idéa; sem com tudo lhe dar mais valor do que o de huma hypothese; moderação tão rara e admiravel, quanto o costumava ser a sabedoria inseparavel daquellas qualidades.

A esta reserva, com que aquelle grande homem expõe a unica explicação scientifica, que eu conheço do phenomeno de que se trata, he que devo a tentativa, em que entrei, de o tornar compativel com

desaprovão o nome de azoto dado á base do acido nítrico. Mas sem entrar nesta questão, pede a Philosphia da Sciencia que, em quanto assim se denominar a base, o acido, que della se compõe, seja chamado azotico, ou azotoso, segundo o gráo de oxigenação.

os principios da conhecida e aliás incontestavel Theoria do Calorico. Mas depois de ter feito varios ensaios pouco felizes, vim por fim a encontrar a solução, que exporei nesta Memoria, em occasião que procurava explicar pela Theoria chymica da Luz (que exporei em outro lugar) as bellas experiencias do celebre Wedgwood sobre os raios do sol.

Assim como eu tinha derivado aquella Theoria da definição que primeiramente assentava da palavra Calorico: assim me pareceu que desta se deverião deduzir todos os principios, tanto os já conhecidos, como os additionaes, que eu presumia faltarem á propria Theoria do Calorico.

Sigamos pois a analyse, que me conduziu a esta conclusão.

Pela palavra Calorico entendem todos os Chymicos huma substancia, cujas partes exercitão todas, humas sobre as outras, huma repulsão indefinida (1).

(1) Eu não digo que todos os Chymicos definem assim a palavra Calorico. Definir huma palavra he enumerar as idéas, que ella desperta no animo de todos os que della se servem. Para definir huma palavra he portanto necessario analysar o que se passa no espirito daquelles que della se servem. Donde se vê que, como para huma mesma expressão, se pôdem fazer muitas analyses; muitas pôdem ser as definiçoens: cada humo mais ou menos perfeita, segundo que a analyse for mais ou menos bem feita.

Entretanto no caso de que tratamos, todos concordão em dizer, que o Calorico dilata os corpos; e isto he o que exprime a definição, que acabamos de dar da palavra Calorico. Poderia parecer que desta generalidade deverião exceptuar-se aquelles Chymicos, que negão a existencia de huma substancia, a que se haja de dar o nome de Calorico; e na sua opinião esta palavra, bem como na opinião

Sendo pois certo que os corpos, á medida que se approximação do minimo da affindade de aggregação, se approximação igualmente do maximo da affindade de combinação; a primeira consequencia, que deriva da definição; que acabamos de dar de Calorico, he que esta substancia deve possuir a maxima affindade de combinação para com todos e quaesquer corpos, que se acharem na sua esphera de actividade.

Mas se nós consideramos por outra parte, que a affindade de aggregação das partes de hum corpo entre si, differê da que existe entre as partes de outro corpo, segue-se que a affindade de combinação do Calorico deve ser differente para com os differentes corpos.

Seja ella porém qual for, da sua combinação com qualquer corpo resulta sempre, que a força repulsiva das partes do mesmo Calorico entre si, ha de ser aniquilada, em todo ou em parte, pela força de attracção, que existe entre as partes do corpo, com que elle se achar combinado.

Ora he evidente, que achando-se cada huma das partes de hum corpo reunida a todas as outras pela força da attracção; esta deve crescer em huma razão directa do numero das partes componentes.

de todos a palavra attracção, nada mais significa, do que hum simples facto: isto he a dilatação dos corpos, que se dizem calefactos. Seria improprio deste lugar o fazer ver que similhante discrepancia deriva unicamente da errada definição, que vulgarmente corre da palavra substancia; pois que partindo da verdadeira definição, desapparecem, tanto esta, como innumeraveis outras questoes sobre o serem as coisas, de que se trata, substancias ou meras quantidades. Em humas Preleçoens Philosophicas, que faço actualmente imprimir, trato circunstanciadamente esta materia.

Desta observação segue-se necessariamente, que a somma de forças attractivas existentes em hum numero qualquer de partes, he menor, quando ellas se achão separadas, do que quando estãvo unidas; visto que depois de separadas não existem, senão as forças, que reúnem as particulas de segunda ordem: e que no outro caso existem tambem as que as partes, que destas se compoem, exercitão entre si.

Não he menos evidente que, quanto maior se suppozer huma força attractiva, tanto maior se deve suppor a força repulsiva, que com ella tem de equilibrar-se. Logo, se as partes de hum corpo reunidas tem maior somma de forças attractivas, do que separadas, hão de poder aniquillar no seu estado de reunião huma maior somma de forças repulsivas, ou (o que val o mesmo) hão de precisar de huma maior quantidade de Calorico para a sua saturação, do que estando separadas.

Agora he facil de ver, que vindo a separar-se as partes de hum corpo, huma porção de Calorico, até agora retida pela força de attracção, que parece pela simples fractura do corpo, obedecerá á força repulsiva das outras partes do mesmo Calorico, que ainda não combinadas com o corpo; e no estado de Calorico livre, passará a ser sensivel, e por consequente a esquecer todos os corpos adjacentes.

Não he pois unicamente pela solidificação (1)

(1) Eu entendo esta palavra na sua significação mais extensa, quero dizer que chamo solidificação não sómente á effectiva formação de hum corpo em solido; mas tambem a todos os passos, que desde o estado de gaz, fluido, e liquido, elle dá para chegar á final e effectiva solidificação. Por quanto esta successiva progressão, sempre mais e mais chegada ao verdadeiro estado de solidez, consiste na

que se desenvolve Calórico livre, como até ao presente se tem ensinado. Ha, além deste, outro principio de desenvolvimento de Calórico, que he a *pulverisação*, como acabo de demonstrar.

Façamos applicação deste novo principio ao phenomeno da explosão da *polvora*, de que fallámos ao principio desta Memoria.

Logo que a ordem das *afinidades* dos ingredientes da *polvora* se acha alterada, pela elevação de temperatura, mediante a applicação da *faisca* com que se lhe dá fogo, o *oxygenio* do *acido azotico* abandona a sua base: a qual não pôde por si só ficar em combinação com a *potassa*, que ou se decompõe, ou he pulverizada pela acção do desenvolvimento do *acido*, que com ella compunha o *nitro*. Em huma palavra o *azoto* e o *oxygenio*, que em virtude das suas precedentes *afinidades* e *combinações* se achavam disseminados pela massa do *sulphuro-carbureo* da *potassa*, nesta nova ordem de

realidade em se hirem reduzindo de facto a esse estado *moleculas* de huma massa sempre crescente, até á final *solidificação*, que consiste na reunião de todas as *moleculas* em hum só corpo. Nem pareça, que esta *Theoria* da *solidificação* he contraria á que acima expendi sobre a *pulverisação*; porque esta consiste na separação de partes para fora da esfera de *cohesão*; e por tanto fora da esfera de toda a acção *chímica*: o que he contrario ao que acontece com os *fluidos*. Por outra: para manter separadas as *moleculas* de hum *fluido* he necessario tanto maior quantidade de *Calórico*, quanto são menores as *moleculas* do mesmo *fluido*: o que vem a ser o mesmo que dizer: que quanto maior somma de *forças* de *cohesão* se houverem de equilibrar, tanto maior deve ser a somma de *forças repulsivas*, tanto maior porção de *Calórico*, a esse fim necessario. Ora isto mesmo he o que eu disse tra-

afinidades se desprendem, arredando as partes da massa total e *solida*; e operando deste modo a sua *pulverisação*.

He desta que deriva a prodigiosa quantidade de *Calórico*, que não só he bastante a converter em *gazes* huma grande parte dos ingredientes da *polvora*; mas tambem a aquecer os corpos ambientes, a não pequena distancia.

Quanto a *pulverisação* for mais consideravel, e mais completa; quanto menor for o tempo, em que ella se executar, tanto maior será a quantidade de *Calórico* livre, que observaremos desenvolver-se.

Com effeito a experiencia prova que, dadas duas iguaes quantidades de *polvora*, igualmente secca, e igualmente bem misturada com seus ingredientes; aquella será mais forte, que mais longe estiver do grão de *finura*, que pelo incendio della admitta pou-

tando da *pulverisação*, durante a qual não ha desenvolvimento de *Calórico* livre, dizia eu, senão porque postas humas partes do corpo fóra da esfera de *atracção* das outras, diminue a somma total das *forças* *attractivas*, que antes all existião, e já não ha com que fazer equilibrio a huma correspondente porção de *forças repulsivas*: e assim esta porção exercita a sua actividade desprendendo aquella massa de *Calórico* superfluo, que passa a combinar-se com os corpos ambientes.

Eis-aqui como o perfeito accordo entre phenomenos, que parecião contrazizer-se, vem a servir de huma nova confirmação á *Theoria*, que me propuz completar com a *adlicção* de hum principio, que me parece tão fecundo nas suas applicações, quanto rigoroso na sua deducção da mesma origem donde se derivão philosophicamente os outros dois principios: a saber, da definição mesma de *Calórico*.

ex pulverisação ulterior. Daqui vem a necessidade de a granular.

He certo que excedendo os grãos hum determinado volume, perde a polvora parte da sua força; mas isso he quando este volume he tal, que a pulverisação se não pôde fazer em todo elle ao mesmo tempo: e só neste sentido he que se verifica que a polvora fina he mais forte do que a mais graúda; porque tanto humna como outra coisa, tem seus limites.

Entre outros muitos phenomenos, a que se pôde fazer applicação deste novo principio da pulverisação, e que se consideravão até agora como inexplicáveis, e por tanto como destacados do systema, apontarei sómente hum, que pela frequencia com que occorre debaixo de diferentes apparencias, e pelas desvariadas hypotheses, a que os Physicos tem recorrido para o explicarem, merece huma particular attenção.

Battendo-se duas pedrneiras, huma contra a outra, tem-se observado que ferem fogo, como se huma dellas fosse aço. E com effeito não tem faltado Physicos, que attribuem aquelle phenomeno á oxydação de particulas de ferro, que elles suppoem contidas nas mesmas pedrneiras. Porém estes Physicos deverão ter reflectido, que o mesmo phenomeno acontece com outras pedras, taes como o cristal de rocha, em que nenhuma analyse tem descoberto nem hum atomo de ferro. Ora não he por supposições gratuitas que se devem explicar os phenomenos da Natureza.

Quanto a este, a sua explicação deriva tão naturalmente do principio da pulverisação, que julgo excusado demorar-me em detalhar o como. He verdade que nelle concorre hum desenvolvimento de luz, cuja explicação mereceria que eu acrescentasse aqui algumas reflexões mais. Porém como no Ensaio da Theoria Chimica da Luz, que mencionei ao prin-

cipio, trato expressamente desta materia, a elle me refiro: tanto mais que esta parte do phenomeno em nada influe sobre a explicação do desenvolvimento do Calorico, que era o unico objecto da presente Memoria.

MINERALOGIA.

Memoria feita pelo Dezenburgador José Basifacio de Andrade.

Ha terrenos que pelo arado não dão fructo, mas sendo cavados com o picão do Mineiro, sustentão mais do que se fossem fertes.

Xenophonte das Rendas dos Atheniens. Cap. I.

INTRODUÇÃO.

EM todos os paizes cultos da Europa a lavra das minas, e sua administração tem merecido o maior cuidado e disvelo dos Soberanos. Entre nós desde os primeiros tempos da Monarquia as minas principalmente de ferro, e de ouro, e depois varias outras, merecerão os maiores cuidados aos nossos antigos Reis. Desde o Senhor D. Alfonso II até o felicissimo Senhor D. Manoel, as minas do Reino foram fomentadas e patrocinadas com o maior zelo; mas nem sempre estes bons dezejos tiveram feliz effeito, por varias causas, que apontarei depois. Com as infelicidades do Reinado do Senhor Rei D. Sebastião, e calamidades, que se lhes seguirão até a aclamação do Senhor D. João IV, este ramo da industria e riqueza publica soffreu muito, e apezar dos estabelecimentos de Ferrarias do mesmo Senhor e seus Successores, he ao nosso Aus-

gusto Principe a quem devemos de novo novos cuidados e providencias para o fomento das minas e fabricas mineiras. Desgraçadamente as circumstancias do tempo tem feito mallograr até hoje estes bons começos. E he tal a cegueira e o desleixo sobre esta materia, que mui pouca gente ha entre nós, que esteja capacitada dos grandes proveitos, que com sigo trará a lavra regular das nossas minas, e huma boa administração metallurgica: mas quem haverá, se tiver juizo e lição da historia, e alguns conhecimentos de economia publica, que possa duvidar das utilidades da mineração para qualquer paiz rico em producções mineiras?

A mineração nutre e sustenta numerosas familias, que por falta de trabalhos uteis em terrenos pela maior parte estereis e desertos, se entregariam á inercia e aos vicios seus filhos. Ella povoa montanhas escavadas, e charnecas inuteis, e as apinha com o andar do tempo de Aildés, Villas, e Cidades. Ella enriquece immediata, ou mediadamente o Erario Publico com os lucros provenientes das minas da coroa, e dos direitos metallicos: ella augmenta e segura os impostos sobre a entrada e consumo dos viveres, fazendas, e materias necessarios aos mineiros; consumo, que cresce progressivamente com a povoação e com a industria. A mineração augmenta o cabedal metalico da nação, que pôde, sem diminuir o preciso para a agricultura e fabricas já estabelecidas, ser empregado em novas e uteis emprezas, como estradas, canaes, portos, pescarias, plantios de bosques, e outros objectos importantes de que tanto precisamos. Ella fomenta mui particularmente o commercio e industria nacionais, diminuindo a importação de mineiras estrangeiras, subministrando materias primeiras ás fabricas, augmentando a exportação de generos novos, dando consumo e actividade aos trabalhos da agricultura, estabelecendo ou sustentando manufacturas para uso

das minas, como as de cordas, couros, polvora, agoa forte, e outras.

Se o paiz he estéril em productos agriculturnes, como a maior parte das nossas vastas serranias, e charnecas; se as fabricas tem obstaculos quasi invenciveis para se porem em concorrência com as estrangeiras, como entre nós succede; que outro modo mais natural e seguro terá huma nação para não empobrecer e despovoar-se, do que a lavra em grande das seus mineiras, com que a Providencia a quiz dotar? Sem o seu ferro, e cobre, que seria hoje em dia da Suecia, e dos vastos desertos da Siberia?

O Commercio e as manufacturas só trazem riqueza certa e de monta ás nações, que principalmente as cultivão, quando os estranhos e vizinhos são ignorantes e preguiçosos. Mas isto muda todos os dias, como nos ensina a historia do commercio Europeo nos dois ultimos Seculos. Os mineiras uteis porém, que a natureza repartio com mão escassa por poucas terras privilegiadas, são sempre necessarios aos outros povos, que os não tem de proprio cabedal: de mais ninguém pôde prohibir-nos em nenhum caso tirar o ouro, a prata, o chumbo, o ferro, o cobre, o estanho, e o carvão de pedra das entranhas dos nossos montes. Se a Russia, a Prussia, e a França se enriquecerão de novo tanto com a lavra das suas minas, quem prohibe a Portugal enriquecer-se do mesmo modo? Pão, polvora, e metaes são quem sustentam e defende as nações: e sem elles de proprio fundo he precaria a existencia e liberdade de qualquer Estado.

As minas pois fomentadas e administradas sablamente poem em circulação riquezas immensas de baixo de fórmãs diversissimas; abrem novas fontes sempre perennes de nutrição e socorro á lavoura, ao commercio, e ás artes: crião e sustentão hum

grande numero de braços; e diminuindo a vadição e mendicidade das comarcas, firmão o socego, e a segurança publica; espalhão luzes e conhecimentos uteis por huma grande parte da nação; augmentão em fim a dignidade do homem social pelas victorias, que obtem diariamente contra a Natureza, muitas vezes madrastra, executando machinas e trabalhos portentosos. Isto que nos prova a historia moderna, se confirma pela antiga; pois que os povos mais famosos da antiguidade, os Egipcios, os Phenicios, Gregos, Cartaginenses, e Romanos, da lavra das suas minas tirarão muito principalmente a sua riqueza; e o que mais he, a sua civilisação.

Já disse que os nossos antigos Reis desde o principio da Monarquia favorecerão muito com privilegios novos, e concessões a particulares este importante ramo da nossa industria; em a nossa Torre do Tombo nos Livros da Chancellaria do Senhor D. Diniz se acha huma grande collecção de Cartas Regias, Privilegios, e outras providencias dadas desde o tempo do Senhor D. Sancho I até o Senhor D. Manoel a favor dos Mineiros da Adissa, que mineravão ouro desde Almada até a Costa; e esta mesma Villa deveo a sua origem, e nome a esta rica mineração, porque *Almadon* ou *Almaden*, significa em Arabico *Mina* ou Castello de Mina. A mineração de ferro foi tambem muito fomentada, e extensa em Portugal, porque além das noticias dos nossos escritores e cartorios, basta ter visado com olhos intelligentes o nosso Reino para descobrir por toda a parte restos de escorias deste metal. O nome de muitas terras de Portugal, de Ferreira, Ferrarias, Tendaes, de Ferreiros, Escocira &c., comprovão o mesmo.

Ora entre todos os Monarcas Portuguezes os que mais se distinguirão nesta parte forão os dois grandes Reis, o Senhor D. Diniz e o Senhor D. Manoel. Desta vasta mineração de ouro, prata,

ferro, chumbo, e estanho, tirou Portugal grandes riquezas; e reflectindo nós nos grandes exercitos e armadas, que levantarão, e sustentarão em tantos seculos, aos fastuosos Templos, e Palacios, que erguirão; aos socorros pecuniarios, que derão a tantos Principes alliados; e considerado por outra parte a falta, que então havia de manufacturas, com que podessemos chamar a nós o dinheiro dos estranhos; e o muito, que tiravamos delles em mercadorias, e generos da primeira necessidade, desde o principio da Monarchia, como se vê da curiosa Lei do Senhor D. Affonso III publicada em Lisboa aos 7 de Janeiro da era de 1261, tirada da Torre do Tombo, de necessidade devemos annuir à opinião do Padre João Baptista de Castro no seu Mappa de Portugal, que attribue estas grandes riquezas ás opulentas minas, que havia então no reino, mas dirá talvez algum ignorante, ou inalevolo, porque não tem continuado ou prosperado este ramo de industria, e responderá muito cheio de si, porque de certo ou se esgotarão, ou não fazião conta, e não podem fazer muito menos hoje em dia. Mas porque razão se diminuo a nossa agricultura? Porque razão se diminuirão os nossos portos mercantes, e perecerão as nossas armadas? Porque acabarão as nossas pescarias, que se estendião até ás Costas de Inglaterra e da Baixa Bretanha em tempo dos Senhores D. Fernando e D. João o I? Porque razão acabou o nosso commercio e imperio da India? Que responderão elles. Eu só me limitarei a esboçar em breve as causas, que concorrerão até hoje e poderão concorrer para a decadencia das nossas minas.

A 1.^a causa foi a falta de legislação publica como teve a Allemanha, desde 1600 para cá: 2.^a a falta de huma boa administração fundada em Tribunaes, e Magistrados proprios, que dirigissem esses estabelecimentos, e vigiassem sobre os abusos dos

mineiros, e justças territoriaes: 3.^a a falta de caixas publicas de economia e piedade, para socorrer a labogação das minas, e os seus empregados, e ajudar aos Proprietarios, quando lhes faltavão cabedades para a manutenção das mesmas: 4.^a outra causa muito principal forão as concessões extensas e dadas sem regra a particulares, que por falta de cabedades, pela ignorancia delles e de seus afilhados, pelo dezejo de querearem ganhar muito de repente, sem attender ao futuro, pela falta de simultaneidade de trabalhos reciprocos das diversas minas de hum districto, que se ajudassem mutuamente na lavra e mistura dos mineraes para as fusões, e evitassem despezas damnosas em casas superfluas de fundição e outras fabricas, esgotariaõ os seus fundos em pouco tempo, ou motivariaõ lavras de roubo, de buracoens e superficiaes, que em breve se alagarão e desmoronariaõ: 5.^a as guerras continuas de correrias e devastação com os nossos vizinhos: 6.^a a indolencia dos homens em tudo que tem difficuldade a principio, e não promette logo milhoens: 7. o espirito de conquista, navegação, e commercio, que se apodouou do corpo inteiro da nação, e fez abandonar os trabalhos industriaes do reino: 8.^a o preço muito alto dos nossos metaes, que pelo máo methodo de lavra, e administração das minas, não podem concorrer com os estrangeiros mais baratos, que achavão huma entrada livre e desembaraçada em Portugal: 9.^a as ricas minas da Africa, e depois as da America Hespanhola e do Brazil: pois já em 1599 Duarte Nunes de Leão na sua discripção de Portugal, fallando do muito ouro e prata, que tem este reino, se queixava do abandono das minas, ou porque, diz elle, os Portuguezes soffrem melhor a fome, que o trabalho, ou pelas muitas minas de S. Jorge, de Arguim, de Sofala, e de Moçambique, de que trazem muito ouro cada anno. Quereem antes hir busca-lo por mar, que cava-lo na terra:

10.^a a falta de huma boa administração de mattas, que vedasse a diminuição das madeiras, lenha, e carvão de pedra, de que tanto precisavão as minas: 11.^a as máas estradas e falta dos canaes para facilidade e barateza dos transportes dos generos, sem os quaes não pôde haver duração e prosperidade em fabricas, e estabelecimentos publicos.

Contra a maior parte destas causas de ruína tenho eu que pelear: muitas e muitas vezes ponderei e pedi remedio a estes males. Circunstancias infelices dos tempos baldariaõ o meu patriotismo. Hoje em dia he preciso sustentar os estabelecimentos que existem, sustenta-los talvez sem gastos e avanços pecuniarios. Farei o que for possível, e exporei os meios, que me lembrão, com que, ou se possão diminuir as despezas dos dinheiros publicos applicados para estes estabelecimentos, ou se cosicem estes por particulares sem avanço do Estado.

HYDROGRAPHIA.

Reflexens sobre as viagens das mais celebres navegadores, que tem lrito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, com a decleração dos pontos mais notavéis na Hydrographia, que pretião de mais profundo exame. Por Joaquim Bento da Fonseca, Primeiro Tenente da Marinha.

INTRODUÇÃO.

Considerando-se o immenso Plano de agua, que occupa ametade da Circunferencia do Globo entre os Continentes da America e Asia, que parecia haver condemnado os Povos esparzidos sobre o lido do seu superficie a não serem jámais conhecidos; ver-se-há que sómente ás viagens de circumnavegação he que se devam essas Ilhas sem

numero, esses Archipelagos fereis repartidos no Oceano Pacifico, em fim todas essas Terras, cuja formação, e a origem de cujos habitantes, offerecem hum vasto campo aos systemas do Physico, e ás meditações do Philosopho. Assim he que o Astronomo, o Naturalista e o Artista (que fazem a parte essencial das viagens das descobertas) partem a estenderem os progressos do espirito humano; á sua volta, cada hum põe em ordem os seus materiaes, dando ao objecto particular do seu trabalho o gráo de perfeição, de que he susceptible, e da reunião bem escolhida destas diversas partes resulta huma relação completa, onde tudo está ligado, e posto em seu lugar, servindo a mostrar aos olhos do Cosmographo os quadros fieis das diferentes partes, que compoem, e ajunta este Globo Terraqueo, e finalmente a assignar a rota dos Navegadores, na obscuridade das noites, e a entreter communições faecis entre todas as porções da Terra habitavel.

A necessidade, que temos de huma Obra desta natureza, fará por ventura em tempos mais serenos, o objecto de serias meditações, e de emprezas semelhantes ás dos felicissimos dias dos Senhores D. João II, e III, e do feliz D. Manoel. Porém será no entretanto infelicidade, e mesmo funesto ao augmento dos conhecimentos humanos, se os nossos Navegadores, Geógrafos e sábios, imaginarem „ que a *carrreira está percorrida; que tudo está feito.* „ He certo que não devemos esperar, sem duvida, aquellas grandes descobertas, que tem consagrado á immortalidade o nome daquelles, que as fizeram, e mesmo está demonstrado, que exceptuando algumas Ilhas, que se achão sobre as rotas pouco frequentadas, e aquellas terras inhabitadas, e inhabitaveis, que podem estar cercadas pelos gelos dos Pólos, cuja barreira não se tem podido penetrar; não nos resta mais terras

a descobrir, porém entre aquellas, que estão conhecidas, nós temos muitas, que até o presente não tem sido, (por assim dizer) mais que percebidas; de maneira que, se algum sugeto, (instaurado ao menos no Estudo da Geographia) me fizer a honra de ler as Observações, que formão a segunda parte deste folheto, posso contar de certo com a satisfação de que finalizará a leitura, dizendo „ a expressão he má, aspera, e rude, a marcha, que segue, não tem ordem; porém não obstante „ *tudo não está percorrido; tudo não está feito.* „

Todas as Nações sabem que na época do principio heroico dos nossos descobrimentos toda a Europa jazia em trevas a respeito da Navegação, Commercio, e Geographia; e por consequencia em Historia Natural, além de outros ramos, que estas sublimes arvores produzirão, e que sómente se deve á Nação Portugueza a grandeza do circulo dos conhecimentos humanos; e he evidente que, se não tivessemos dado, por assim dizer, muito maior extensão á terra que habitamos, seria extremamente limitada a esphera dos nossos conhecimentos. A Russia nos faz justiça nas suas obras de viagens. Porém que os Francezes chegassem á cegueira horrorosa de se esquecerem dos beneficios, que nos devem (pois he sem contradicção a nação da Europa, que mais se aproveitou das nossas pizzas e lipens para augmento das Artes e do Commercio) a ponto de nos maltratarem nas suas obras periodicas, ainda que pela contradicção dos seus mesmos pontos claro fica, que semelhantes escriptores devem forosamente sentir o remorso do seu trabalho, pois sómente se tem obrigados a escrever pela inveja do quadro brilhante da Potencia Lusitana no continente Antartico: he sem duvida

hum acontecimento extraordinário. A sua grande obra, intitulada *Neptuno Oriental*, bem patenteia as suas dividas. Como he no sentido da Geographia e Astronomia, que elles attaçã a Nação de ignorante, e o meu trabalho he parte daquella sciencia, toca-me (antes que o principio) refutar a sua illusão manifestada na introdução, que acrescentarão em o seu Atlas Geographico, que copiarão do de *Pinkerton*.

Entre as obras, que pude obter, em a miseravel e ultima Colonia, que lhes restava, se acha huma que se intitula: *Escolha das melhores viagens modernas feitas a diversas partes do Mundo por terra e mar, precedida de hum discurso sobre as descobertas dos Portuguezes para lhes servir como de introdução*; e sendo o fim desta classe de obras instruir a mocidade na Geographia, Navegação, e Historia Natural, vê-se que o autor conhece a injustiça de seus companheiros, pois que busca para fundamento da sua obra parte da nossa historia. No conhecimento dos tempos, ou dos movimentos celestes, para uso dos Astrónomos e Navegadores, para o anno de 1809, se servem tambem dos trabalhos dos nossos sábios, e mesmo o confegão logo no frontispicio desta obra, dizendo na advertencia que os calculos tem sido feitos debaixo da inspecção do Deposito das longitudes, por *Harré e Marion*, sobre as taboas de *Bug* para a Lua, e das de *Lalande* para *Mercurio*, *Venus* e *Marte*, contendo adiçãos, e diferentes memorias de *Burckhardt*, e huma de *Ducem* sobre a Astronomia Nautica; *et enfin les nouvelles methodes analytiques de M. Montclair, pour le calcul des eclipses*; e dizendo mais *M. Bouvard*, encarregado do observatorio, e dizendo mais *les methodes de M. Montclair n'ont fourni une nouvelle occasion d'examiner les formules données par M. Olbers, pour dispenser les Astronomes du calcul de la paralaxe*: e em as taboas celestes do anno

de 1810, entre outros acrescentamentos novos expressados na advertencia da mesma obra, se nota a amplificação e retificação das taboas, que mostrão as posições Geograficas, que elles dizem ser devida aos trabalhos de *M. Monteiros*. Logo se as *Ephemerides* de Coimbra, concorrem, como aquellas de *Greenwich*, a formarem parte da litteratura dos Franceses em obras de tanta ponderação, fica provado que são destituídas de fundamento as suas censuras, que só tem origem na inveja do que ainda possuímos sobre o Globo. Digo ainda possuímos; porque em a obra já citada, diz o autor, que nós sembramos toda a Costa Occidental de Africa, e quasi toda a Oriental, parte d'*Arabia* e da *Persia*, as duas Peninsulas inteiras d'aquem e d'além do Ganges, o que confegã ser devido á nossa natural intrepidez para a Navegação, e ao valor heroico, e esforço dos nossos bravos guerreiros, não escapando até as *Malucas*, e que retinido o echo Portuguez no *Japão*, lá nos confins d'Asia, todos os Potentados daquelle antigo mundo, procuravão adquirir nossa amizade e aliança, porém que do excesso desta grandeza e poder não nos resta mais que a sombra, como premio devido (diz o autor) á nossa arrogante soberbia e tirania; o que he bem contrario, pois toda a Europa sabe que a nossa decadencia foi consequencia de acontecimentos inteiramente oppostos. Este autor pelo Elogio, que nos rende, dizendo devermos as nossas conquistas ao Heroísmo, mostra querer satisfazer á sua consciencia, confegando a verdade, porém em dizer que o excesso, a que queriamos levar o nosso Imperio, e tirania, que dezejavamos exercer no resto do Globo (pois era já tal que navio de nenhuma Nação podia navegar sem nossa licença e passaporte) torão a causa da grande queda, isso he querer coincidir com a opinião da Planeta destruidor, e dos mais satellites.

Porque razão dirá o autor que das nossas con-

guistas não temos mais que a sombra! A meu ver, julgou-se por aí, pois das duas Ilhas unicas, que ainda ha pouco lhe restavão, eu fui testemunha da perda de huma, que por tanto tempo gozou do nome do seu descobridor, que fixando a sua posição pelos meios que a Arte naquelle tempo ministrava, a publicou às Nações da Europa, para, quando quizessem nella formar estabelecimentos, a poderem encontrar: bem se vê que fallo do Portuguez *Marcarenhas*, cuja Ilha deste nome foi tomada ha poucos mezes, pelas armas dos nossos Alliados; acaso não somos senhores da melhor parte da Costa Oriental de Africa desde 10º de Latitude Sul, ou Fortaleza de *Cabo Delgado*, até o paralelo de 24º, ou *Cabo de Correntes*, onde se acha a praça e porto de *Inbambane*, formando toda esta extensão o nomeado Canal de *Mossambique*, cuja passagem he a derrota geral e a mais curta para se hir á Costa de *Mulabar*, onde os Navios das Nações amigas encontrão hum porto seguro, e capaz de os fornecer de provisoes, e remedia-los de qualquer inconveniente, proveniente dos elementos durante a passagem do canal, e que sendo situado quasi a iguaes distancias, dos Cabos de *Boa Esperança*, e *Guardafu*, (á entrada do mar vermelho) se faz mais digno de apreço pelas nações amigas, que o frequentão, e cujas vantagens só ellas podem conhecer: acaso ignorará o autor, a quem devemos o nosso panegirico, que he sobre esta mesma costa que possuimos, que desagoa o famoso Rio *Ituana*, cujo nascimento se ignora, sabendo-se sómente que *Damberger* na sua famosa viagem por terra desde o *Cabo do Boa Esperança* até *Matracca*, o atravessara em o paralelo do 20º, a menos distancia da Costa Occidental do Continente, que da Oriental, tornando-o a passar a 30 legoas mais ao Norte, donde fazendo caminho de 18 legoas, chegou a

Dreah, Capital do Paiz de *Segeriena*. Não he na foz deste famoso Rio que se acha a nossa praça de *Quilimane*; e sobre as suas bordas por terra dentro, e a muita distancia, os estabelecimentos de *Senna*, *Manica*, *Fete*, e suas dependencias; e que he sobre estes ultimos que os Geographos concordão em situar o monte *Opáir*, donde *Salomão* (diz a historia) mandava buscar o ouro, cuja opinião não encontra alguma outra, e até se confirma pelo mesmo metal, que se tira, e em tal quantidade, que passa por hum ramo de commercio em os nossos estabelecimentos dos Rios de *Senna*, donde chega até *Mossambique*, que junto com o *Atuora marfim*, partem a enriquecer não só o *Indostão*, mas a *Eurapa*; não fallo de outros metaes, que nos são conhecidos, se a morte não pozesse termo ás descobertas e indagações do Doutor *Lucerda*, a quem S. A. R. tinha encarregado a viagem do famoso Rio de *Senna*, e cujas primeiras observações se apresentarão á Sociedade Real Maritima; em fim eu desejaría perguntar a este author, ou a outro, se o pantanoso territorio de *Guyana* mereceu do seu Governo huma obra de dois volumes, para a sua descripção, e de hum Atlas com a gravura de suas plantas, arbustos, animaes, e mais produções da natureza; quantos volumes seriam necessários para descrever e gravar as produções do territorio extenso, de que venho de fallar, e daquelle que he fica no mesmo continente, formando a parte opposta o Reino de *Angola*, cujo famoso Porto de *Loanda* he Capital, e que o seu navegador *M. de Grand Pré* tanto soube avallar, descrevendo na sua obra as produções naturaes de huma pequena parte, que elle teve occasião de indagar, quando em 1787 levantou o plano daquella Costa, mais para observar os nossos estabelecimentos do que para utilidade da Navegação; talvez que me respondesse, que hum folheto seria bastante para a descripção; eu então

o remetteria a ler a obra do seu compatriota M. *Jaille*, que em 1784 e 1785 se occupou por ordem do seu Governo, a visitar o estabelecimento do Rio *Senegal*; de cujas observações se publicou ha pouco annos huma descripção, acompanhada de huma Carta Geographica e do Plano da Ilha *Gorda*, na serie da qual M. *Jaille* diz que os nossos estabelecimentos do Rio de S. Domingos ou *Geba*, e do Rio *Grande*, são de iguaes produções ás da *Senegal*, porém mais superiores em territorio. Com effeito, se se considera o forte de *Caconda* a 40 legoas da foz do Rio Grande, e aquelles que ficão para o Norte ainda de *Bissau*, e *Caches*; seria hum absurdo, affirmar o contrario em o tempo que M. *Jaille* escreveu; porém querendo em ser grato ao author das viagens modernas, pelo annuncio, que fez publico, de nos restar sómente a sombra do que possuíamos, he quero certificar, que do seu estabelecimento de *Guyana*, dividido em 8 cantoes, sómente he resta a sua obra de dois volumes e, o seu Atlas de Descripção (a).

Pelo que pertence ao author da introdução do Atlas Geographico, que traduzio, seja-me permitido dizer (em confutação ao que nos nota) que elle não tem noticia, ou quer ignorar as obras Geographicas da sua Nação. M. de la *Condaminie*, hum dos encarregados da grande operação da medição do arco do Meridiano na *Peru*, conhecia e fez publico em suas obras, que os Portuguezes já em 1639 tinham hum conhecimento Geographico dos Paizes, que banha o maior rio do Glóbo, pois em 1638 o General do Estado do Gram Parã, determinou huma expedição para este mesmo objecto, a qual foi entregue a *Pedro Teixeira*, sendo o primeiro que subio o grande Rio a maior longitude; este chefe de

(a) Esta obra foi escrita no tempo da tomada de Cayena.

Expedição, chegando á embocadura de hum Rio, até então desconhecido (que hoje se domina *Nepi*) navegou por elle até o seu nascimento, donde continuou por terra, e em pouco tempo se achou na Cidade do *Yuito*; o dito autor Geographo tambem ignora que os Portuguezes da Capital do Parã em 1743 subirão pelo Rio das Amazonas, e entrando e navegando pelo Rio Negro, chegarão a *Orinoco*, que he o rio, que divide *Guyana* da nova Granada, e que vai desaguar no Mar do Norte; de cujas viagens se conheco o territorio com tantas vantagens, que hoje temos huma famosa Capitania Geral, cuja Capital, denominada *Rio Negro*, se acha a 250 legoas da Cidade do Parã, que em consequencia da Navegação, pôde-se considerar toda esta extensão como se fosse huma costa de mar commerciante. Se o meu empenho fosse mostrar, que já de tempos anteriores, nós sabemos a Geographia do nosso Paiz, ainda que contra a vontade dos Francezes, eu lhes faria ver que elles se confutão em as suas mesmas obras, como quando dizem, em o seu resumo da Geographia de Guthrie, publicada em 1805, a folhas 210, relativo ás Ilhas dos *Ladroens*, que este Archipelago foi descoberto por *Magalhaens*, Navegador Hollandez, em razão dos Insulares lhe furtarem alguns Instrumentos. He bem digno de reparo que o Author de huma tal Obra, e o seu Editor Francez ignoram a Historia Chronologica dos descobrimentos do grande mar do Sul, em pontos tão geraes, como tambem que o termo, que expressa aquelle comportamento dos Insulares, em Hollandez he *Dief*, que não tem analogia com as outras duas denominações, pelas quaes se conhece aquelle grupo, isto he, *Ilhas das Velas*, ou *Marianas*; porém elle se retracta a folhas 669 da mesma Obra, que trata sobre a terra *Mughalhanica*, dizendo que tomou este nome do Estreito, que a limita ao Sul, e que a denominação

deste deriva do Navegador *Portuguez*, que o descobriu. Porém como não devo tratar sobre objectos, em que realmente se necessita de outras luzes e princípios, e me limito a fixar toda a minha applicação somente aquelles proprios do meu emprego na Real Armada; por tanto passo a expor as observações sobre hum Plano para humia viagem de circumnavegação, não só por me servir de instrução, a fim de que para o futuro possa ser util á minha patria, como tambem, realisando-se a exposição, se consiga formar humia litteratura original em semelhante Classe.

São muitos, e de diferentes Nações, aquelles que tiverão a gloria de seguir as pizadas do nosso immortal *Magalhães*, os principaes até á epocha do primeiro ensaio das taboas lunares de *Mayer*, pelo Astronomo *Maskeyne*, na viagem a *Santa Helena*, são *Mendaxa*, *Queiraz*, *Passan*, *Dampier*, *Roggevin*, e *Anon*; daquella epocha até á applicação das primeiras Ephemerides; *Wallis*, *Carteret* e *Bougainville*, e depois desta feliz publicação, em que tambem *Arnold*, *Hendal*, *Mudge* e *Emery*, nos derão as suas maquinas, sob o nome de Chronometros, reduzindo-as a hum volume igual aquelle de hum relógio de algebeira, e levadas a hum grão de uniformidade na sua marcha, igual aquella das melhores pendulas de observatorio, se seguirão *Cook*, *Perouie*, *Vancouver*, *Dentre-Casteaux*; he sobre as viagens destes quatro Navegadores, que eu deduzo o meu Plano.

O objecto da primeira viagem de *Cook* era reconhecer, e fixar com toda a precisão possível, as descobertas dos Navegadores, que ficão apontados, a que deo causa a passagem de *Venus* pelo disco do Sol em 1769. Este phenomeno, muito interessante á Astronomia, mereceo a attenção dos Academicos da Europa, de sorte que a Sociedade Real de Londres em 1768 apresentou ao Rei humia memoria

relativa ao phenomeno, expondo a utilidade das Observações, que se poderia fazer em diferentes partes do Globo, em todas as latitudes antarcticas, entre 126° e 149° de longitude occidental do seu observatorio de *Greenwick*; juntando na mesma que a Academia prontaria navios para conduzir os observadores a paizes remotos, porém que não se achava em estado de fornecer com todas as despezas, de maneira que S. M. B. ordenou ao Almirantado que preparasse humia expedição para este objecto, e sendo destinado o navio *Indagador*, foi entregue ao Capitão *Cook*, que já se tinha distinguido na Marinha. O objecto das observações da passagem de *Venus*, foi encarregado ao Astronomo *M. Green*, de sorte que, sabindo o *Indagador* de *Plimouth* a 26 de Agosto de 1768, chegou á Ilha de *Tayti* a 13 de Abril de 1769, onde *M. Green*, *Banks*, e *Dr. Sclander* (celebre pelos seus conhecimentos de historia natural, e sobre tudo de botânica) se occuparão nos trabalhos respectivos. As observações da passagem de *Venus*, foram feitas com todo o successo desejado, e a Europa inteira conheceo a utilidade de suas fadigas: *Cook* se occupou nas suas descobertas, seu principal objecto, e por consequencia na sua derrota da terra do Fogo para *Tayti*, elle a fez dirigir sempre entre as duas derrotas do navio *Delfin*, isto he entre a primeira do *Commodore Biron* e a segunda do Capitão *Wallis*, e antes que largasse ancora na dita Ilha descobriu os dois grupos, e em continuação as Ilhas da Sociedade e a Ilha de *Oheterva*; abordou á parte de Leste da nova *Zelandia*, descoberta por *Tasman*, e reconheceo parte das Costas deste vasto paiz; como tambem a parte Oriental da Nova Hollanda, ou terra *Australavia*, descobrindo o estreito, que separa esta terra da *Nova Guiné*, a que deo o nome do seu navio. Porém a descoberta de humia tal separação não foi de tanto apreço

para a Geographia e Navegação, como aquella da *Nova Zelandia*, em que já havia a probabilidade fundada em a relação de *Luiz Van de Torres*, hum dos da expedição de *Queiroz*, donde se deduz que *Torres* passou entre a *Nova Guiné* e *Australasia* em 1606, porém relativo ao reconhecimento da *Nova Zelandia*, *Cook* deo aos Geographos duas Ilhas em lugar de huma, que *Tarman* nos deo em 1642, e aos Navegadores hum Canal quasi a meia extensão desta grande terra, diminuido com esta descoberta o trabalho de se hir a tanta altura para a dobrar, o qual para perpetuar o nome deste grande homem, se denomina Estreito de *Cook*.

Porém como depois desta viagem a opinião do continente Austral existia, e fixava a attenção da maior parte dos Maritimos, e os Geographos fallavação della sem cessar, S. M. B. determinou huma segunda expedição, que foi entregue, como a primeira, ao Capitão *Cook*, sendo o principal fim deste navegador o indagar, de huma manciã certa, a existencia ou quincera do continente austral; os dois navios *Resolução* e *Aventura* sahirão em Julho de 1770 e, depois de huma digressão de tres annos e 18 dias, *Cook* se recolheu, tendo feito a roda do Globo no hemispherio austral sobre as latitudes mais elevadas, sem que nada encontrasse; porém eu exporei mais adiante as razões, que impossibilitarão a *Cook* de mudar a resolução de não penetrar huma segunda vez para dentro do circulo Polar, como elle tinha projectado, e juntamente a opinião deste celebre navegador a respeito do tal continente.

Relativo á sua terceira viagem para que foi nomeado em 1776, tinha por principaes instruções, o reconhecimento das partes Occidentaes do mar pacifico Boreal, e procurar huma passagem ao Noroeste, entre os continentes d'*Asia* e *America*; o que tudo realisou, e demais, no seu regresso des-

cobrio as Ilhas de *Sandwich*, onde infelizmente acabou os seus dias.

Perrout, que se lhe seguiu, teve por objecto, não a pesquisa do continente Polar Antartico, nem tão pouco o pertender passar o estreito de *Behring*, afim de penetrar para a vante dos Cabos *Glaciat*, e *do Norte*, pois o que *Cook* não pode obter com a sua constancia em 18 e 29 de Agosto de 1778, e 18 de Julho de 1779, prova que seria imprudencia telmar em hum tal passo: o resultado da commissão do infeliz *Perrout* era fixar as posições, de hum modo exacto, de todas as Ilhas e terras do grande mar do Sul; não só as descobertas pelos navegadores apontados, como assegurar-se das que ultimamente *Sarville* descobriu e reconheceo; visitando em continuação todas as partes, que *Cook* não pôde reconhecer, principalmente aquella parte da Costa NO da *America*, de *Monte Rey* até o *Monte de S. Elias*, e os Portos *dos Remedios* e *Balayeli*, descobertos pelos *Hispanhoes* em 1775. Este homem, que reunia nos seus grandes conhecimentos todas aquellas qualidades de hum bom Cidadão, teve a infelicidade, na serie das suas indagações, de se não separar até o dia de hoje, sem sabermos o modo e o como; cuja perda bem se pôde avaliar, pelo augmento, que recebeu a navegação, e a geographia, e historia natural, semente com o que este mal afortunado mandou do Porto de *Aventica* na península de *Kamtschatka* na *Tartaria*, cujos despachos foram entregues ao Consul *M. Lesseps*, que partindo, desta parte mais Oriental d'*Asia* em 22 de Outubro de 1787, chegou a *Petersburgo* a 7 de Setembro de 1788. Esta famosa viagem por terra, que fez *M. Lesseps*, foi ha pouco publicada por elle mesmo, com todas as observações proprias do seu talento, e genio, além de duas Cartas Geograficas, em que estão traçadas as suas jornadas em hum ponto intelligivel, de sorte que, até *Perrout*

com a escolha do seu emissario, illustrou os pontos geograficos de huma grande parte da *Siberia*.

Parece que, depois das viagens de *Cook* e *Perouse*, ficava destruida a opinio favorita da existencia de huma passagem á costa do NO da America pela Bahía de *Hudson*, porém ao contrario tomou nova força; isto he, as especulaçoens, que então principiaes, destinadas a formar relaçoens commerciaes entre a China, e a dita Costa, erão onde se dirigião os homens dados áquelle genero de negocio; mas estes navios desprovidos de instrumentos Nauticos, e Astronomicos, não tendo outras vista senão o objecto, em que se empregavão, não podião dar informaçoes geographicas; com tudo o resultado de algumas relaçoens, que estes aventureiros publicarão, a pezar de se contradizerem, estão todos de accordo para traçarem de novo (aquelle espaço, que se acha nas cartas de *Cook* com Ilhas mui extensas) huma costa extremamente cortada por numerosas entradas, representando por este modo a costa NO da America, formando aberturas pelas agoas do Oceano Pacifico, dando lugar a mais de huma hypothese.

O Archipelago de *S. Lazaro*, cuja existencia se apoiava sobre a autoridade do Almirante Hespanhol *Fuente*, servio para mais sustentar a opinio, como tambem aquelles estreitos, em que se suppunha ter navegado *João da Fuca*; em fim para se decidir este ponto geografico, *S. M. B.* fez armar o navio *Descoberta* e o brigue *Chatam*, entregando o commando ao Capitão *Vancouver*, a fim de reconhecer a Costa do NO da America, que banha o Oceano Pacifico Boreal, desde 30° de latitude N até o paralelo de 60° Septentrional; assegurando-se, com a mais grande exacção, da natureza, e extensão de toda e qualquer communicação por agoa, que podesse facilitar relaçoens commerciaes entre esta costa, e os paizes situados ao outro lado do mesmo

continente, de sorte que sahindo *Vancouver* para esta importante expedição em Abril de 1791, recolheu-se em 1795; e pelos seus preciosos trabalhos, provou fundamentalmente que entre os parallelos Arcticos de 30 e 50°, não existe nenhuma communicação navegavel, entre o mar Pacifico e o Oceano Atlantico, nem tão pouco com algum lago, ou rio interior do Continente da America Septentrional; e, quanto as antigas descobertas de *Fuca* não são apoiadas mais, que em huma simples tradição. Tal foi o resultado da viagem deste 2.º navegador depois de *Cook*.

Pelo que respecta ao do 3.º, apezar de não ser de circumnavegação, deve entrar neste numero o Contra-Almirante *Dentrecasteaux*, que sahio da Europa pelo mesmo tempo que *Vancouver*, e teve por principaes instruçoens, o procurar *Perouse*, e seus tristes companheiros pelas derrotas que este infelizmente deveria seguir á sua sahida da Bahía Botânica, visitando todas as costas, que elle diz na sua ultima carta promeditava reconhecer; em fim *Dentrecasteaux* sahio da Europa em Setembro de 1791, porém a sua exploração infelizmente foi em vão em quanto o primeiro objecto da commissão, o resultado foi de summa importancia para a navegação. Entre as suas descobertas e reconhecimentos, de que se formou hum grande Atlas, se notão as indagaçoens feitas na parte do Sul da grande Ilha denominada terra de *Van Diemen*, na qual se descobriu hum canal cheio de famosos portos, que conduz os navios a sair ao outro lado, cuja sahida ou entrada ao Sul, he o que *Tasman* nomeou bahía das tempestades; os planos desta terra, que eu deduzi do grande Atlas de *Dentrecasteaux*, me fez admirar mais a sua situação no Globo, que o delimitado abrigo e segurança dos seus Portos, pois separados, por assim dizer, do resto do Universo,

e postas ás extremidades do mundo, se podem considerar, como querendo perfeitamente fechalo.

Tendo pois apontado as razões das viagens seguidas dos quatro celebres navegadores do nosso tempo, eu passo a mostrar, que cada hum d'elles alternativamente descobriu novas Ilhas, baixos, recifes, e determinou outros pontos dos antigos; tendo as innovações em todos distintas entre si, pois deste modo se manifesta a necessidade, que temos de fazer huma igual viagem.

Pôde-se pensar, e com razão, que depois das tres viagens de *Cook*, em que este habil navegador determinou, por assim dizer, a extensão do Mundo antigo e moderno, humas vezes entrando no grande mar do Sul, pela porta de *Magalhães*, e outras lindo ao mesmo mar, dobrando a de *Gama*, chegando a entender por estas duas vias, tão famosas como antigas, os limites navegáveis na direcção dos Polos, torno a repetir, talvez se pense, que de tão feliz consequimento a Geographia tinha adquirido o maior grão de perfeição e por consequencia nada mais se ignore, porem a illusão cessará, quando se reflecte que os Geographos jazzerão em trevas impenetráveis por muito tempo, ainda depois de *Cook*, sobre as partes do Globo com o nome de *Jesso* e *Oku-Jesso*, cuja posição, além de ser variavel, era tambem a sua existencia fabulosa, no conceito de alguns Geographos.

Em 1650 *Santon*, na sua carta, representa a *Caréa* como Ilha, e *Jesso* e *Oku-Jesso* e *Kamischatk* não existindo, e o estreito de *Amian* separado de Azia, e tambem da America.

Em 1700 *Lisle*, ajuntou *Jesso* e *Oku-Jesso*, e o prolongou até o estreito de *Sangar*, sobre o nome de terra de *Jesso*.

Em 1770 *Deinos*, recouu mais a sciencia da Geographia, pela sua carta, bem inferior áquelle que elle tinha publicado em 1761.

Vaugondy, em 1775, representa em sua carta, esta parte de Asia, conforme as precedentes, de maneira que a carta geral deduzida das descobertas de *Cook*, nos mostra a terra de *Jesso*, desenhada com tres Ilhas, em que as duas mais do Norte, estavam lançadas de Leste Oeste na sua maior extensão, não passando o seu Parallelo mais septentrional de 44^o 30'; e a Ilha de *Sagalim*, situada á entrada do mar de *Okotsk*, formando hum canal de 10 legoas com a terra adiante do Rio de *Amur*, deixando por este modo hum espaço de mar livre, de 8 grãos em latitude, tudo diametralmente opposto ao que hoje sabemos; de sorte que *Biron* em 1784, *Lisle* e *Buache* em 1788, successivamente copiaram, e reproduzirão os mesmos erros, e que sómente á constancia e zelo de *Perouse*, que os Geographos devem os conhecimentos, que fixarão suas incertezas, os quaes por prova de reconhecimento, concordarão todos em assignalar, nas suas cartas, a nova passagem, que divide o *Jesso*, com a denominação de Estreito de *Perouse*; respectivo á Navegação vemos que este infortunado, nos descobriu Ilhas e escolhos em parages do derrota, e proximo ao Archipelago de *Sandwich*, de que *Cook* não teve noticia, não obstante ter descoberto este grupo em a sua 3.^a viagem, pois a 100 legoas para o NO fica a Ilha, que foi nomeada *Nether*, e a 23 legoas mais para Oest as rochas e recifes, em que *Perouse* se hia perdendo, e em consequencia nomeou a este escolho baixo das Fragatas; tanto na relação das suas viagens, como sobre o seu Atlas: o Banco a meio canal entre a Ilha formosa e a costa da China, e huma Ilha a 20 legoas da costa Oriental de *Caréa*, que se dominou *Daglet*, tambem nos era desconhecida antes da viagem deste Navegador, como outros muitos, que elle nos fez conhecer.

Vancouver, que se lhe seguiu, pôde-se dizer qua

descobriu huma costa de 30° de extensão, pois o sabermos que esta existia, e ao mesmo tempo ignorando a natureza do terreno, os seus Portos, Bahias, principalmente depois do Porto de *Nautka* ou de *Roy George* para o Norte, valia o mesmo conceito que huma terra incognita; mas prescindindo de grande parte do seu Atlas, que nos mostra em bons Planos, não só a linha geral da costa, mas tambem a extensão, direcção, e limite, de todas as entradas produzidas por braços de mar, que por tanto tempo servirão de apoio ás probabilidades formadas sobre a communicação com a *Bahia de Hudson*, como já fica referido; elle nos fez conhecer, entre outras descobertas, hum grupo de Ilhas, tambem em parage de derrota a poucas leguas das *Marquezas*, a que *Vancouver* nomeou *Ilhas de Hergei*, para perpetuar a memoria da seu companheiro de viagem, que foi atrevidamente morto pelos Selvagens de *Sandwich*. Este novo grupo, apezar da sua proximidade ao das *Marquezas*, não foi conhecido de *Mendana*, que descobriu estas ultimas em a sua segunda viagem em 1595, nem tão pouco o Capitão *Cook*, que as visitou, nos deo a menor idéa de semelhantes Ilhas.

Dentecasteaux, que rodou duas vezes a *Australasia* e a *Nova Guiné*, com os seus Archipelagos adjacentes, entrando a primeira vez, pelo canal de *S. Jorge*, e a segunda pelo estreito de *Damier* da nova Bretanha, nos descobriu ao Sul da *Australasia* hum grande numero de pequenas Ilhas, e baixos, que elle nomeou *Archipelago da Pequiza*, e para Leste do *Abra de Bolada* na nova *Caledonia*, a distancia de 35 leguas, tres pequenas Ilhas cercadas de recifes, que elle nomeou *Ilhas de Beautré*, e na travessa da nova Zelandia para o Archipelago dos amigos, e quasi a meia distancia, mais quatro, a que deu o nome de *Ilhas Hermandes*, além outros reconhecimentos e innovações,

feitas sobre a terra de *Van-Diemen*, e mais Archipelagos, que visitou.

Logo, se estes Navegadores acharão sempre occasiões, de serem uteis á humanidade pelas suas descobertas, he de esperar que fazendo nós huma expedição, semelhante áquellas, com que já em outro tempo fixámos o grande circulo, adquiriremos huma tal gloria, principiando outro de novo, e com esta esperanza, eu passo a notar aquellas partes do Globo já descobertas, que necessitam de hum reconhecimento mais exacto para illustrar de huma vez as noticias confusas, que nos restão dos seus antigos descobrimentos.

Fim da Primeira Parte.

ARTES.

Continuação da descripção do Alambique n.º 2 p. 99 deste periodico, e construcção de huma fôrma-lha pertencente ao mesmo Alambique. Per Gaspar Marquez.

NA primeira descripção faltou demonstrar o encadeamento horizontal das cadeias pegadas á cruzeta *a 4* (fig. 2 do mesmo n.º) por não caber nas duas estampas, que então se publicariao; por tanto as descrevo para total intelligencia da sua construcção, e dos diferentes sentidos, em que as ditas trabalhão.

Na fig. 3 deste n.º se vê a posição das cadeias, que passão de hums braços da cruzeta *a c* aos outros *d b*, prendendo em roda desta cruzeta as 4 series de cadeias nos ganchos 3. 3. 3. 3., que tambem suspendem as que toção verticalmente no fundo das

e ii

Alambique (fig. 2. n.º 2.). Logo que as primeiras caídas fig. 3 sejam postas em rotação, agitarão o líquido em diferentes direcções, e mudarão rapidamente a superficie delle pelos raios, que ao diante decrevem, donde resultará grande augmento de evaporação, que accelera a distillação, como disse no mesmo numero.

As fig. 4, 5, 6, 7, são humas secções da fornalha, que regularmente fornece no fundo, e em roda do alambique, hum fogo permanente, sem que a chamma tenha algum outro desvio: *a*, *a*, (fig. 4), he o corpo do alambique collocado sobre as paredes *b*, *b*, e pilares *c*, *d*, da fornalha, (fig. 5.) revestido de parede de tijolo em roda de todo elle: desde abordá *e*, do fundo do Alambique até cima *h*, perto da valvula, *x*, (fig. 2. 1.ª n.º 2.) como no mesmo n.º recomendei. Servem estes pilares *c*, *d*, de apoio ao alambique, e de retardar algum tanto a chamma na alcova *f*, *g*, retrogradando dalli a maior porção de calorico; por tanto se precizará de menor quantidade de combustivel, para huma dada distillação.

4, 4, (fig. 4, 5, 6) são as diferentes secções das grelhas feitas de ferro fundido, ou batido, fixas nas paredes da fornalha, e do tamanho, que der o petipé, que nesta estampa marquei, o qual serve só para as dimensões destas fornalhas.

MN Cinzeiro, e caixa de ar.

o, *o*, Taboas, que tapão a caixa de ar, para que se possa andar sobre a dita, quando se fornece a fornalha com o combustivel necessario.

P valvula para regular o tirante de ar, quando se queira obter mais ou menos fogo na fornalha, e reter maior porção de calorico, o que não aconteceria, sendo o tirante de ar regulado por porta no cinzeiro M, como em algumas fornalhas se usa. Esta valvula he aberta, mais ou menos, pelo cordel *q*, no qual se fazem dois laços para se pren-

der no prego *r* da chaminé *i*, *i*, o superior serve, posto no emprego *r*, de abrir totalmente a valvula P, ahim de se obter roda a corrente de ar, e o inferior huma corrente media para haver mais ou menos fogo, segundo a effervescencia, que se requer no alambique. Deixando calir a valvula para fechar o orificio da chaminé, se obtém o abatemento da chamma e amortecimento do fogo.

s, *s* he hum quadrado de ferro do tamanho da grossura e largura da chaminé *e*, *i*, no qual he rebatido e bem cravado o apoio *t*, em que se move a alavanca da valvula P, ficando o dito quadrado, e o apoio firme no interior das paredes com o pezzo de tijolo da continuação da dita chaminé.

u, *u* (fig. 5, e 6) he huma tapadeira feita de chapa de ferro grosso, que serve de evitar a communicação do fogo immediato ao fundo do alambique, quando se estiver para acabar a alambicada, ou quando acontece haver alguma effervescencia mais forte do que se precisa, se abre, ou fecha-se, puchando a dita tapadeira dentro, ou fóra da fornalha.

Esta tapadeira corre entre as duas corrediças de ferro *z*, *z*, *z*, *z*, fixas nas paredes *b*, *b*, (fig. 4, e fig. 5) por meio dos pontões de ferro *yy*, *yy*, nascidos das mesmas corrediças.

Estas corrediças sabem fóra da fornalha para melhor apoio da tapadeira, e são apoiadas por dois varoens de ferro *U* embelhidos no cinzeiro (Fig. 6, e fig. 7).

Fig. 7 he o corpo exterior da fornalha mostrada com a sua porta *x*, por onde se fornece o combustivel, e he movel em duas machas-temas, pafuzadas no caxillo de ferro, que fóra a boca da mesma fornalha e corrediças *z*, *z*, *z*, *z*, fixas nas paredes da dita fornalha.

LITTERATURA.

*Los felicissimos annos da Serenissima Senhora
D. CARLOTA JOAQUINA, Princesa do Brazil.*

Rio de Janeiro 25 de Abril de 1812.

Imitação da Ode XL. do L. 1. de Horacio.

EPIGRAMME.

Mas eu , que fallo humilde, baixo e rudo ,
De vós não conhecido, nem sonhado ,
Da boca dos pequenos sei com tudo ,
Que o louvor sahe ás vezes acabado .

Camoens C. X.

O D E .

ENcosto ao peito a lira sonora ,
Que ao cantor Venusino Febo empresta ,
Em divino furor accessa a mente ,
As aureas cordas firo .

Do Rei dos Numes canto a Esposa e Filha ,
A quem respeita o Erebo, e o pego immenso ;
Minerva , das sciencias creadora ,
Sacros hymnos mercede .

Da bella Cytherea canto as graças ,
Que em chammaes immortaes o Olympo accendem ,
Louvo a triforne Deusa , que nos bosques
Acteon enamora .

Deixo da fabula os sonhados Numes ,
E encaro entre os mortaes mortaes mais dignos ,
Semiramis , Elissas , Sophonisbas ,
Tamiris , Arrias , Porcias .

Dos Seculos rompendo a espessa nuvem ,
As Izabels recordo, 23 Catharinas ,
O Ebro e Thames vejo reverentes ,
E o Volga celebrado .

Eis o horizonte assoma luz mais clara ,
Hum astro mais brilhante se levanta ,
E o esplendor, que diffunde, embaça, eclipsa
As estrellas menores .

Com passo de Gigante já se eleva ,
Já se apressa ao Zenith, fulgidos raios ,
Hum e outro hemisferio allumiando ,
Os dois pólos aquentão .

Os fides Lusitanos venturosos
Menos amou a filha de Dióne ,
Quando abriu do Oriente as roseas portas ,
A despeito de Baccho .

Em quanto Alecto queima, abraza, estraga
Da Europa desgraçada a melhor parte ,
E o Solho dos Affonsos e Fernandos
Abala o voraz monstro .

A nova Astréa soê ao cinto ardente ,
Que transpoz Phaetonte, ignaro, e insano ;
Das setas de Chiron, segura e firme ,
Não teme o fatal dainno .

D'alli vê com prazer Hispanos, Lusos,
Unidos, quaes outr'ora no Salado,
Destroçar as phalanges atrevidas
Nos campos de Albuhera .

O nome de JOÃO seu braco alenta ,
As fadigas suaves, doce a morte
Se entolhão aos guerreiros detennidos ,
Que tem por fito a gloria .

Da lealdade a voz não soffocada
Aos golpes de Bellona, e da perfidia,
O nome augusto de CARLOTA, invoca,
E os perigos investe.

Mas onde vóo o estro presumido?
De Thebas o cantor fora mesquinho,
Se em pobre assumpto as forças ensaiando
D'Orpheu vencerá a lyra.

Penetrar corações se he dado aos Numes,
Singela produção de hum genio escasso,
He mais grata oblação, he dom mais puro
Do que canções sublimes.

M. F. A. G.

Epigramma tirado do Grego.

COM o famoso Heitor cahio rendida
Troia soberba a cinzas reduzida:
De Alexandre, a quem muda a terra admira
Com a morte de Pela a gloria expira.
Que não da Patria aos homens se derrama,
Mas dos homens á Patria, immortal fama.

Outro tirado de Palladis.

DUAS pombas no casco de hum Soldado
O seu ninho fizeram dezejado.
Bem mostra a bella Venus nesta parte
O quanto amiga foi sempre de Marte.

Diniz.

Est mollis flamma medullas.

Virg.

QUE fogo abrazador meu peito inflamma,
E as faces incendêa!
Roe as entranhas solapada chamma:
Salta de vèa em vèa
Em giro impetuoso o sangue ardente,
E o coração o incendio estranho sente.

Tu, ó debil farol, e só brilhante,
Se a paixão adormece,
De espesso fumo nuvem crepitante
Teu clarão escurece:
O teu soccorro imploro, acode, acode,
Se o teu imperio contra Venus pôde.

Nome fatal, no Coração guardado,
Que dos labios não fio
D'esse objecto sublime, que adorado
Causa o meu desvario:
Nenhum mortal pretenda adivinhar-te,
Se em meus tormentos não quizer ter parte.

Amor sem esperança!.. (oh! que tormento!)
Eu sinto os teus lurores.
E não pôde alcançar o pensamento
A idéa de favores!
Dauses cruéis, se a vossa furia he tanta,
Como a vós o mortal as mãos levanta?

Para que liberal, ó Natureza
Lhe deste dotes tantos!
Ajuntando talentos á belleza
Mais valentes encantos!
Se á minha alma devias dar dezejo,
A gloria desses, porque louco ajejo.

Mas viver em suspiros afogado,
Sem soltar hum suspiro!
Sem discurso, perdido, perturbado,
Esconder que deliro!
Não podem teus tormentos, ó Inferno
Igualar o que sente hum peito terno.

Cruel destino! . . e devo em fragoa ardente
Extremoso adora-la!
E teu barbaro furor não me consente
Que en espere alcança-la!
Deverei vê-la em braços mais ditosos . . .
Primeiro, abismos, me tragai piedosos.

Tu, que envenenas meus affictos dias,
O' Numen adorado,
Que felices tornar só tu podias,
A despeito do Fado;
Se amor não sentes no mimoso peito,
Eu sei que a condoer-se elle he affeito.

Ah! volve huma só vez olhos brilhantes,
Em ternura banhados;
E sejão meus suspiros incessantes
No teu peito guardados:
De tua compaixão hum só momento
Seculos mil apagaõ de tormento.

A LIBERDADE A NIZE.

Traduzida de Metastasio por Alexandre de Gusmão.

BEM hajão os teus enganos,
Já respiro socegado,
Já o Ceo a hum desgraçado
Compassivo se mostrou.

As cadêas, que a prendião,
Sacodio minha alma fora,
Eu não sonho, Nize, agora,
Não sonho, que livre estou.

Acabou-se o ardar antigo,
Tenho o peito socegado;
Nem para fingir-me irado
Acha Amor em mim paixão.

Se o teu nome escuto, o rosto
Não se cobra n'esse instante:
Quando vejo o teu semblante,
Não me bate o Coração.

Sonho sim, mas não te vejo
Em sonhos huma só vez;
Eu desperto, e já não és
Quem logo dezejo ver.

Quando estou de ti ausente,
Já por ver-te não suspiro;
Se te encontro, não deliro,
De desgosto, eu de prazer.

Dá tua belleza fallo,
Não me sinto enternecido;
Considero-me offendido,
E já me não sei irar.

Bem que estejas de mim junto,
Ninguem me vê perturbado;
Co'o meu rival ao teu lado
Bem posso de ti fallar.

Mostra-me severo o rosto,
Falla-me com doce agrado;
He o teu rigor baldado,
He o teu favor em vão.

Tuas vozes já não tem
Sobre mim a força usada ;
Teus olhos errão a estrada ,
Que me vai ao coração .

Se me vejo alegre ou triste ,
Se inquieto , ou socegado ,
Já não he por ti causado ,
Não o devo ao teu favor .

Sem ti me agrada a campina ,
Verde selva , ou fonte pura ,
A caverna , a brenha escura ,
Com tigo me causa horror .

Olha como eu sou sincero ,
Ainda te julgo bella ,
Mas já não te acho aquella
Que não tem comparação .

Não te offenda esta verdade :
Nesse teu rosto perfeito ,
Descubro hoje algum defeito ,
Que julguei belleza então .

Quando quebrei as cadêas ,
Confesso a fraqueza minha ,
Julguei que jámais não tinha
Hum instante que viver .

Mas para fugir de penas
Para opprimido não ver-se ,
Para a si proprio vencer-se ,
Tudo se deve soffrer .

Em o visco , em que se enlaça ,
O passarinho innocente ,
Deixa as penas , mas contente ,
Vai liberto da prisão .

Mas depois que em breve espaço
Se renovão as penninhas ,
Canta em roda das varinhas
Brinca em outra occasião .

Eu sei que extincto não julgas
O voraz incendio antigo ;
Porque a todo o instante o digo ,
Porque não o sei callar .

Natural instinto , ó Nize ,
A que falle me convida ,
Porque da passada lida
Costuma qualquer fallar .

Seus perigos o Soldado
Depois da batalha conta ,
E para os aines aponta
Das feridas , que apanhou .

O cativo , que nos ferros
Entre trabalhos gemia ,
Mostra cheio de alegria
As cadêas , que arrastou .

Fallo , e só por desabafo
Do meu gosto me entretenho :
Fallo , porém não me empunho
Em saber se té me dáis .

Fallo , porém não procuro
Se a minha expressão te agrada
Ou se ficas socegada ,
Quando em mim fallando estás .

Eu desprezo huma inconstante ,
Tu hum peito verdadeiro ;
Eu não sei de nós primeiro
Quem se ha de consolar .

Sei, que, Nize, achar não pôdes
 Outro tão fiel amante,
 Como tu, outra inconstante,
 He mui facil de encontrar.

Soneto do Doutor Ignacio José de Alvoranga.

POr mais que os alvos cornos curve a Lua,
 Roubando as luzes ao Author do dia,
 Por mais que Thetis na morada fria
 Ostente a pompa da belleza sua.

Por mais que a linda Cytherea nua
 Nos mostre o premio da gentil porfia,
 Entra no campo, tu, bella Maria,
 Entra no campo, que a victoria he tua.

Verás a Cynthia protestar o engano,
 Verás Thetis sumir-se envergonhada
 Para as humidas grutas do Oceano.

Verás ceder-te o pomo namorada,
 E, sem Troia sentir o ultimo damno,
 Verás de Jno a colera vingada.

GEOGRAFIA.

Descripção Geographica da Capitania de Mato Grosso.

A Capitania de Mato Grosso, a mais Occidental do Brazil, comprehende hum vasto terreno, situado no centro da America Meridional, cuja superficie equiual proximoamente a 480 legoas quadradas. Pelo Norte confina com as duas Capitancias do Rio Negro, e do Grão-Pará, pelo S. e E. com as de Goiaz, e de S. Paulo; e pelo Occidente com o Perú, que por este lado se limita com os tres Governos Hespanhoes, do Paraguay, de Chiquitos, e de Moxos. O Paraguay, commun na sua parte media a ambas as Nações confinantes, juntamente com grande parte dos rios Guaporé, Mamoré, e Madeira, fórma a raia dos dous Estados, ficando a Capitania de Mato Grosso naturalmente cingida por hum largo e extenso fosso de 600 legoas de ambito, que a separa e defende dos Dominios Hespanhoes; por meio do qual, e do grande numero de rios, que desaguão nos quatro que o fórma, se pôde penetrar para intus e distans pontos do interior do Brazil, e até chegar ao centro dos ricos estabelecimentos do populoso Perú.

Por este breve esboço da situação desta Capitania se reconhece logo a sua grande importancia, não só porque a natureza a fez hum propugnaculo do Brazil, por cobrir as Capitancias interiores desta vasta porção do Novo Mundo, mas porque nella tem origem os seus maiores rios, em numerosos braços, que por ventura em si encerrão grandes, e ainda não tocados thesouros.

Duzentas legoas em distancia de Villa Bella, fórma o termo mais Oriental desta Capitania o Rio Grande, conhecido no Estado do Pará pelo nome de Araguaya, que lhe dão as muitas e valentes

Nações, que habitão as suas ribeiras, ferteis em todos os effeitos, que fazem a privativa riqueza do Pará. Este rio tem as suas mais remotas fontes pela latitude de 19° (a), e correndo de S a N, cortado em varios pontos pelo meridiano de 325° , conflue pela latitude de 6° com o Tocantins, onde perde o nome, formando ambos hum grande e candeloto canal, que com 370 leguas de curso, vai engrandecer pelo latitude de $1^{\circ} 40'$ com 5 leguas de foz, a boca Austral do maximo Amazonas, entre as duas famosas bahias de Morapaté, e do Limoeiro, fronteiras a grande Ilha de Joanes, ou Marajó, ao leguas a O da Cidade do Pará.

O Rio das Mortes, que existe todo na Capitania de Mato Grosso, tem as suas mais distantes vertentes muito a O das fontes do precedente, que elle vai engrossar pela latitude de 12° , com 150 leguas de curso, que por grande espaço dirige a E, e depois ao N.

Pelo Araguay se pôde, por huma não interrompida navegação, penetrar desde a Cidade do Pará até ao centro do Brazil, e á Capitania de Mato Grosso; o que também pôde effectuar-se pelo Rio das Mortes, e por outros Occidentaes braços, que o Rio Grande em si recebe mais inferiormente, os quaes não deixarão de occultar em seu seo inda não vistas minas, não havendo raso alguma para que ellas se achem nos rios, que entrão no Araguay pelo Oriente, em que além do que em Villa Boa existem outros arrayaes da Capitania de Goiás, e se não encontram semelhantemente nos braços, que lhe vem pela margem opposta. O rio das Mortes

(a) Todas as latitudes, de que se faz menção; são Austraes, e as longitudes são contadas do Meridiano do Ferro, suppondo-o 20° ao O do Meridiano de Paris. As leguas são de 20 ao grão do Equador.

he aurifero, em hum seu braço Occidental existem as minas dos Aríes, ha pouco abandonadas, não por deixarem de ser copiosas, mas por ficarem muito distantes da estrada geral, no centro de hum infestado e perigoso sertão, o que dificultava a poucos moradores a aquisição das ferreamentas, e utensilios necessarios para minerar, e agricultural as terras, bem como a de outros generos indispensaveis para a manutenção da existencia; defeto ordinario dos estabelecimentos com pouca população, e força, que não podendo chamar a si o commercio, succede logo que os generos da primeira necessidade sobem a hum preço exorbitante, e estas debeis fundações, passando do estado precario ao da decadencia, acabão pelo abandono total. O outro de algumas partes destas minas he de 23 quilates; mas pela maior parte he de 17, e de cor verde, como o que os Francezes empregio enlaçadamente nas suas obras e donraduras, e para este fim he buscado na Bahia, e pago além do seu valor.

O Rio Chingú, o mais cristalino, e hum dos caudaes braços do Amazonas, entra com 300 leguas de extensão na margem Meridional deste ultimo, pela latitude de $1^{\circ} 42'$, e longitude de $325^{\circ} 54'$, 70 leguas em linha recta a O da Cidade do Pará, porém 100 leguas, seguindo a derrota da ordinaria navegação. Este rio tem grande parte do seu vasto corpo na Capitania de Mato Grosso, e as suas distantes origens abraço assim os terrenos de que igualmente nascem os braços que, por E e N fórmão a parte superior do Rio Cuiabá, mas também o largo espaço, que fica ao N do Rio das Mortes, e que a estrada de Goiás vem cotando até as fontes do Rio de S. Lourenço, vulgarmente dos Porrudos. He tradição constante entre os praticos dos sertões do Pará, e Indios aldeados nas povoações do Rio Chingú, que vencidas as suas primeiras e maiores catadupas, se tem achado

neste rio copiosa quantidade de ouro, e que os Jesuitas, ávidos esquadrinheiros deste agente universal, daqui extrahirão muito. A famosa e primeira descoberta de Bartholomeu Bueno, chamada dos Martirios, ha toda a probabilidade de que só possa existir sobre algum dos muitos braços, que formão o todo deste rio. Este celebre Sertanejo, havendo descoberto aquellas minas, achou por extremo ricas, voltou a S. Paulo a fim de se reforçar com mais gente, e de se munir dos utensilios necessarios, para com mais força povoar aquelle sitio, e extrahir as riquezas, que alli vira; mas passando na sua desrota proximo as minas de Cutabá, que então se descobrião, e trabalhavão com grande fama de proveito, lhe desertou grande parte da gente da sua bandeira, e temendo que o mesmo fizesse o resto, mudou de rumo inclinando-se para o Oriente; e afastando-se assim consideravelmente das minas do Cutabá, e das dos Martirios, que buscava, se perdeu naquelles vastissimos sertões, por onde vagou muitos mezes, até que achou casualmente as minas de Goiaz, já vistas por seu Pai, e que, como todas as mais, forã riquissimas nos seus principios. Esta rica e nova descoberta, e a delonga do tempo fez perder até hoje a terred, e o verdadeiro lugar dos Martirios, de que sómente existe a vaga tradição, que o situa em hum rio, que corre para o Amazonas, e que se procura passando proximo dos braços superiores e de E do Rio Cutabá, collocação em que só existe o Chingú; e posto que outros rceiros o situem no Araguaya, hum facto mais recente nos confirma em a nossa opinião. Hum neto de Bartholomeu Bueno, guiado por hum antigo diario deste descoberto, desceu pelo Rio das Mortes, até entestarem na sua margem Occidental humas vastas campinas, que atravessou por alguns dias a O; e chegando a huma planície coberta de Mangabeiras brancas (sinal indicado), daqui obser-

vou entre N e O hums destacados e altos montes, de que tres erão da configuração procurada, entre os quaes devião ficar aquellas minas; porém hum subito ataque do genio, em que pereceu o Chefe, e algumas pessoas mais, dissipou esta bandeira, frustrando o intento, que já se suppunha conseguido. Este lugar parece só pôde existir no Rio Chingú abundante em muitos effeitos, principalmente em Cacaó, Cravo, e Paxiri.

O terceiro rio, que tem as suas soberbas fontes em multiplicadas e grandes ramificações na Capitania de Mato Grosso, he o Tapajós, o qual correndo ao N entre os Rios Madeira, e Chingú, vai com 300 leguas de extensão confluir no Amazonas pela latitude de 2º 24' 50'', e longitude de 323º 13', posição geografica da Villa de Santarem na boca deste grande rio, 118 leguas em distancia da Cidade do Pará, e 162 segundo a navegação mais seguita. Nasce o Rio Tapajós nos famosos campos dos Paracis, assim chamados pela Nação dos Indios, que os habitavam. Estes campos comprehendem huma extensa superficie não plana, mas sim formada por altas e prolongadas medas, ou comoros de arca, ou de terra solta, que apresenta huma semelhança do mar cavado; o expectador no meio delles vê sempre em frente hum distante e prolongado monte, encaminha-se a elle, descendo hum suave e largo declivio; e atravessando huma varzea passa a subir outra escarpa igualmente doce, até se achar sem lhe parecer que subira, no cume que havia observado: então se lhe offerece logo á vista outra altura, a que chega com a mesma insensibilidade. Todo este terreno he arenoso, e de tal modo feto, que as bestas de carga enterrão nelle as mãos e pés hum e dois palmos; por isso os seus pastos são insufficientes, consistindo a sua relva em humas pequenas hervas de dous palmos, ou pouco mais de alto, revestidas de

d ii

pequenas folhas ásperas e espinhosas, a que chamão ponta de lanceta, que os árnias arrancão juntamente com as raizes enroladas em arã, e que lhes embora os dentes; circunsciancia, que difficulta o transitto destes campos; todavia procuram alguma das muitas vertentes, que nelle a cada passo nascem, se encontra algum taquari, e outras folhas macias, que lhes servem de sufrivel parigo. Os campos dos Parecis estão situados no terreno mais elevado de todo o Brazil, e terminão a O no cume das serras do mesmo nome, as quaes prolongando huma alta escarpa, ou face, na direcção de NNO de 200 leguas de extensão, formão soberbas serranias, que olhão para O, parallelas ao Guaporé, e delle distantes de 15 a 25 legoas.

Nestes campos tem as suas remotas origens os deus maiores rios da America Meridional, quaes são o Paraguay nas suas proprias e multiplicadas cabeceiras, e nos seus grandes e mais superiores braços, Jauru, Sipotuba, e Cuiabá; e o grande Madeira, o maior confluyente da margem Austral do Amazonas, no seu grande e Oriental braço Guaporé, huma das suas origens principaes.

Fazendo contravertentes com os mencionados rios, nasce no alto das serras dos Parecis o Rio Tapajós, em grandes e distantes ramificações, das quaes a mais Occidental he o Rio Arinos, que enlaça as suas fontes com as do Cuiabá, a pouca distancia das do Paraguay. O Arinos tem hum braço Occidental denominado Rio Negro, desde o qual até o Rio Cuiabá abaxo das suas superiores e maiores catadupas, onde he navegavel, são 8 leguas de tracto de terra, e 12 do mesmo Arinos a sahir ao mesmo lugar do Cuiabá. Este Arinos já nas suas cabeceiras he auritero, e nelle se descobrião em 1747 as minas de Santa Izabel, abandonadas logo, tanto por não preencherem as esperanças daquelles aurocos tempos, como pelo valente genio, que habitava aquelles terrenos.

Pela margem do Poente do Arinos nelle desajgo o Rio do Sumidouro, que fazendo contravertentes em breve intervalo com o Sipotubá, grande e Occidental braço do Paraguay, facilita a navegacão de hum para outro rio. O celebre Sertanejo João de Souza e Azevedo em 1746 fez este transitto; descendo pelo Rio Cuiabá até entrar no Paraguay, e navegando por este agoas arriba, entrou no Sipotubá, que tambem navegou contra a corrente até as suas vertentes; então varou as canoas em terra, e as transportou para o Rio do Sumidouro, que navego e agoas abaxo, a pezar de occultar-se este rio por não pequeno espaço por baixo da terra, circunsciancia de que deriva o nome. Passada esta furta entrou o Sumidouro no Arinos, e deste no Tapajós, rio em que achou venciweis catarrats, inda que maiores que as do Madeira; encontrando tambem grandes mostras de ouro no Rio das Trez Barras, braço Oriental do Tapajós, 100 leguas abaxo das fontes do Arinos.

A O do Sumidouro, e nos mesmos campos dos Parecis, tem as suas origens ao N das do Rio Jauru, o Rio Xacuruina, celebre por ter em hum dos seus braços hum grande lago, em que se crystalliza naturalmente todos os annos copiosa quantidade de sal; producto, que motiva guerras annuaes entre os Indios, que habitão aquelles sitios. Alguns praticos fazem o Xucuruina braço do Arinos, e outros do Sumidouro.

Nos mesmos campos tem a sua principal e mais remota origem o Rio Jurueua, entre as cabeceiras do Saruru, e do Guaporé, huma legua a E do primeiro, e duas a O do segundo. O Jurueua, o maior e mais Occidental braço do Tapajós, nasce na latitude de 14° 42', 20 leguas ao NNE de Villa Bella, e correnão ao N, conlude depois de 120 leguas de curso com o Arinos, e ambos unidos formão o alveo do Tapajós. Recibe o Jurueua por am-

Das as margens muitos e não pequenos rios, facilitando os que lhe entrão pelo lado Occidental, praticaveis communicações, com breves trajectos de terra, para o Guaporé, e seus confluentes. O mais alto, e proximo á Villa Bella, e seus arroyaes, he o Rio Sucuriu, já de sufficiente fundo, e por tanto navegavel até perto da sua origem, que fica huma legua ao N da principal cabeceira do Rio Sararé.

Navegando pelo Juruena acima até entrar no Sucuriu, se póde da origem deste com o breve trajecto de huma legua, passar ao Sararé, 3 leguas abaixo do seu nascimento, quando se precipita pela escarpa de O das serras dos Parecis; difficilidade, que se póde vencer, ou por partes, ou fazendo o trajecto de quatro leguas, que parece ser o mais commodo e breve para Villa Bella, por ser o Sararé desde aquella cachoeira navegavel sem embargo algum até esta Capital de Mato Grosso, em menos de 8 dias de viagem.

Huma legua ao N da origem do Sararé está a primeira cabeceira do Rio Galeria, segundo confluente do Guaporé, abaixo de Villa Bella; e huma legua a E desta cabeceira nasce a chamada Ema, braço Occidental do Sucuriu, que facilita igual communicação. O Galeria tem nos campos dos Parecis mais tres origens ao N da primeira, e todas ricas de agoas, distando a ultima e mais de N denominada Saborá, pouco mais de legua da nascente do Juina, grande e Occidental braço do Juruena.

Pelo Juina, e pelo Sucuriu, com 5 ou 6 dias de trajecto até vencer as cataratas, que o Galeria forma na face de O das serras, se póde por este rio communicar o Juruena com o Guaporé. O Juruena póde ser navegado até duas leguas abaixo do seu nascimento, lugar de sua mais alta catadupa, e ainda mais acima, passada ella: neste lugar tem já o rio 15 braças de largo, e grande fundo, e

delle para baixo a corrente he bastante arrebataada, por ser o leito assaz inclinado; mas dizem que as cataratas, que se encontrão, não são maiores; e todas são mais vencíveis que as do Arinos; e por isso se póde communicar por semelhantes e breves trajectos de pé o mesmo Juruena com o Jaúri, que lhe fica a E, assim como o Guaporé, inda que estes dous ultimos rios formem logo que se despenhão ao S do alto das serras dos Parecis, onde nascem, repetidas cataratas, e por grande extensão.

Pela posição geographica do Rio Tapajós fica evidente que este rio facilita a navegação; e o commercio da Cidade maritima do Pará com as minas do Mato Grosso; e do Cuiabá, navegando-nagoas arriba, entrando pelos seus grandes braços Juruena; e Arinos até ás fontes destes rios, e praticado os mencionados trajectos; ou mesmo conduzindo as fazendas directamente por terra, principalmente para Villa Bella, ponderada a curta distancia, em que ella fica das mesmas fontes. Esta navegação para Mato Grosso será mais curta pelo menos doo leguas que a praticada pelos Rios Guaporé, e Madeira, e consequentemente se fará em menos tempo, e com menor despeza: ficando igualmente util para as Minas do Cuiabá, porque na viagem usual de S. Paulo até a Villa d'aquelle nome, se gastão 6 mezes em huma navegação de 600 leguas, em que se passão 113 catadupas, e por terra o varadouro de Camapouan; não fallando ainda na grande despeza, e tempo, que se consome na condução das fazendas desde o Rio de Janeiro por mar até a Villa de Santos; daqui em canoas até ao porto do Cubatão; e deste por terra até a Cidade de S. Paulo; donde igualmente por terra se conduzem por mais de 22 leguas para o porto da Araxatugaba no Rio Tieté distancia esta, que com pouca differença iguala ao caminho de terra desde o Arinos, ou desde o Rio Negro, até a Villa do Cuiabá.

há; consumindo-se no total desta viagem, contando desde o Rio de Janeiro, 9 ou 10 mezes, que vem a ser o mesmo, que se gasta na carreira do Pará pelo Rio da Madeira até Villa Bella, poupan-do-se nesta ultima navegação mais de 20 reis em cada carga, despeza que se faz em conduções, e em Capamaon.

A navegação do Tapajós para os estabelecimentos de Mato Grosso pôde concorrer muito para o augmento desta Capitania, pelos novos descobertos, que naturalmente se farão nos dilatados Sercoens deste rio, colhendo nelles os muitos effeitos, que fazem a privativa riqueza do amplissimo paiz do Amazonas. Além disto o Arinos he aurifero em grande parte da sua extensão; e entre as origens do Camararé que entra no Jurueua pela sua margem Occidental inferiormente á foz do Juína, e sobre as cabeceiras do Rio Jamari, ou das Candêas, que vai entrar no Madeira formando com aquellas origens largas vertentes na face Oriental das Serras dos Parecis; entre aquellas origens digo, e sobre as cabeceiras do Jamari existem as minas do Uru-cumacú já vistas, e de que ha grandes esperanças, mas buscadas ha 20 annos sem effeito algum; o que não deve causar espanto, porque a uniformidade destes largos sercoens, tallados de huma infinidade de rios, e lagos, e cobertos de espessas e altas matas, que vedão os mesmos raios do sol, e confundem os valles com as montanhas, não deixa discernir as differenças caracteristicas dos lugares, parecendo encontrar-se a cada passo aquelle que se procura; e o acaso, que o descobre, he quasi sempre o mesmo agente, que novamente o encontra.

A navegação deste rio parece de urgente necessidade para a Capitania de Mato Grosso, no caso de guerra neste Continente com os Hespanhoes; por quanto elles pôdem pela Provincia de Moxos, situada em grande parte na margem do Mamoré,

descer até a junção deste rio com o Guaporé, e allí embarçar a indispensavel communicação, que esta Capitania deve manter com a do Pará; o que tambem pôdem praticar na confluencia do Mamoré com o Madeira; e estabelecendo-se na catarata deste nome, fixarão allí hum obstaculo inda mais insuperavel. Da mesma sorte pôde esta Nação sobre o Paraguay interceptar a navegação do Taquari, ou de S. Paulo para o Cuiabá, e Jaurú; e assim ficará a Capitania de Mato Grosso illhada por toda a sua limitrofe extensão, e privada dos necessarios socorros de guerra, que por seu pezo e volume só em canoas lhe pôdem chegar dos portos de mar. A navegação do Tapajós, sendo pelo interior desta Capitania dissipará com segurança todas estas ponderosas difficuldades.

Não se pôde todavia abandonar a navegação dos Rios Madeira, Guaporé, e Mamoré, tanto para com ella se vigiar a importante e larga fronteira, como pelo maior cabedal de aguas destes grandes rios, que facilita o chegarem a Villa Bella grandes botes empregados nesta carreira de mil a duas mil arrobas de carga, vantagem que não admittem os Rios Chingó, e Tapajós, que he necessario viajar até as suas vertentes, o que tolhe a navegação a canoas de maior porte.

HISTORIA.

Continuação das Memorias Historicas sobre o Rio de Janeiro continuada do N.º 6.º pag. 44.

Salvador de Brito Pereira succedeu no governo do Rio de Janeiro a Duarte Corrêa Vasquiarés, e a sua Patente cumprida em 25 de Janeiro de 1649, data de 30 de Outubro de 1648. Em 1651 ainda exercia este emprego.

Neste mesmo anno foi rendido por Antonio Galvão, o qual ainda governava em Fevereiro de 1652. Foi este Governador quem enviou a El-Rey D. João IV as primeiras amostras das pedrarias, que hum Theodosio de Ehanos teve noticia haver junto da Villa de Parnaguá.

Seguiu-se D. Luiz de Almeida, que governava a 16 de Abril de 1652.

Thomé Corrêa Alvarenga succedeu ao precedente; mas ignora-se o dia da sua posse; com tudo he indubitavel que governava a 17 de Setembro de 1658.

A Serenissima Senhora D. Luiza, como Regente do Reino, pela minoridade da seu filho o Senhor D. Affonso VI, conferio naquelle mesmo dia de 17 de Setembro o Governo do Rio de Janeiro a Salvador Corrêa de Sá e Benevides, com o caracter de Governador General da repartição do Sul, sem subordinação alguma ao Governador General do Estado; e por este motivo lhe ordenou que levantasse a este Governador o preito e homenagem, que havia feito por aquella repartição. Na Patente declara S. M., que no caso de estar governando o Rio de Janeiro João de Mello, devia Salvador Corrêa deixar-lhe o regimen desta Capitania, e encarregar-se das outras; mas este Mello parece que não chegou a governar.

Partiu Salvador Corrêa para a Bahia; e levantada a homenagem a 12 de Setembro de 1659, se fez á vela para o Rio de Janeiro. Não he conhecido o dia da sua posse; sabe-se porém que elle já governava a 4 de Outubro de 1659, dia em que proveu no posto de Capitão Mór da Capitania de S. Vicente a Antonio Ribeiro de Moraes, com aquelle acerto e desinteresse, que sempre o dirigio na escolha dos empregados publicos. Pelos fins de Setembro, ou principios de Outubro do seguinte anno, embarcou para a Villa de Santos, a fim de visitar as minas situadas nos districtos de Iguape, Cananéa, Pernambuco, e Villa de Serra-cima; e em sua ausencia deixou governando a Thomé Corrêa Alvarenga, que já em outro tempo preencherá estas funcções com geral satisfação.

Poucos dias zomava Salvador Corrêa na Villa de Santos, quando lhe chegou a partição de hum levantamento, que na sua ausencia havia rebentado no Rio de Janeiro contra a sua pessoa, e de seus conanquitos. Alguns malevolos, invejosos da gloria desta familia, que tanto se distinguira sempre no serviço desta Colonia, por ella conquistada, fundada, e engrandecida, não podião tolerar a sua elevação, e o seu lustre; e esquecendo os beneficios, que della em todo o tempo receberão, estimulados pelo mais baixo, vil, e injusto incentivo da vingança, qual he o que tem a sua origem na intima confissão da alheia superioridade, e que só cabe nas almas despreziveis; estes homens allicião alguma gentinha da Freguezia de S. Gonçalo, para comegar huma sublevação estribada nas mais futeis calumnias: e como o seu fim era amortecer a luz que os cegava, clamavão: que se não obedecesse a Salvador Corrêa, nem ao interino Governador: que se tirassem os cargos publicos das mãos desta familia, e que Agostinho Barbalho Bezerra, juntamente com os Officiaes da Camara governassem a Capitania.

São logo presos Thomé Corrêa Alvarengs, o Sargento Maior do Terço, o Provedor da Fazenda Real, e varias outras pessoas; e o virtuoso Barbalho, que procurara no Convento de S. Antonio hum seguro lãtilho, he arrancado deste asilo sagrado, e constringido sob pena de morte a accellar o Governo. Os Camaristas parece indubitavel haverem tido grande parte nesta sublevação, e não foi necessario violenta-los a acceptarem a sua parte.

Os agentes do motim escreverão logo a seus amigos e correspondentes em S. Paulo, insidiosas cartas, em que se esforcavão de persuadir aos Paulistas: que elles devião affincadamente recusar a obediencia a Salvador Corrêa, se não querião ver-se reduzidos á ultima miseria; por quanto elle intentava anciosamente a libertação dos Indios, em cujo dominio consistia o fundo de suas riquezas: que S. Magestade lhe dera somente jurisdicção sobre as outras Capitãrias do Sul, nos casos respectivos as minas; mas que elle ampliava a sua auctoridade, interpretando a seu sabor a Patente Regia: que Salvador Corrêa fallava em perfeição a lingua do paiz, e era extremosamente amado dos Indios; e que se huma vez chegasse a subir a serra poderia dispor de muitos mil frecheiros, e dar a ley a seu grado.

Os Paulistas, geralmente fallando, erão pouco affectos a Salvador Corrêa, pelo affinco, com que protegia a liberdade dos Indios. Elle, e seus parentes haviam defendido os Jesuitas, na occasião em que o povo amotinado acomettera o Collegio destes Padres, por haverem publicado huma Bulla do Papa, que fulminava a escomunhão contra os plagiarios do genio Americano. Em outra occasião havia tambem castigado o Mestre de hum barco vindo de Santos, por ter apparecido com insignias de que trazia grandes, e boas novas, reduzindo-se estas a noticiar, que os de S. Vicente, e de Itanhaen

havião igualmente expulso os Jesuitas pela mesma causa. Finalmente elle havia sollicitado e conseguido a restitução dos mesmos Padres ás suas casas de Santos, e de S. Paulo. Todas estas rasons, e a certeza, que davão os sublevados do Rio de Janeiro, da ommissão de Salvador Corrêa em fazer registar a sua Patente na Camara Capital de S. Vicente, cerimonia antiquissima, e indispensavel para validar estas Cartas, fez que alguns dos correspondentes illudidos, procurassem amotinar o povo de S. Paulo, e conseguissem que 50, ou 60, despreziveis individuos fossem á Casa do Conselho, e obrigassem aos Senadores a decretar, que se vedasse a entrada a Salvador Corrêa, empregando os meios violentos.

Na mesma Villa de Santos recebeu este habil politico estas noticias, que lhe não fazem perder o sangue frio; e elle vai mostrar quanto hum sistema de doçura bem concebido e manejado, vale mais que a justica austera e inexoravel. Dizia-se-lhe mais que a justica de Toledo Piza então Juiz dos Offaons, e o Ouvidor da Capitania de S. Vicente, Antonio Lopes de Medeiros, haviam sido os cabeças do motim; e a 15 de Novembro de 1666 mandou publicar hum bando, em que suspendia o exercicio de seus cargos a estes dous Ministros; intimando-lhes ao mesmo tempo, que dentro de hum mez comparecessem perante elle. Mandou registar a sua Patente na Camara de S. Vicente, e remetteu huma copia aos Vereadores de S. Paulo, a qual foi hum Santelmo, que serenou aquella borrasca. No r.^o de Janeiro de 1661 mandou lançar outro bando, já em S. Paulo, em que concedia o perdão aos sublevados do Rio de Janeiro, comminando justas penas aos que perseverassem na rebellião. Ordenava mais, que Agostinho Barbalho Bezerra proseguisse no Governo; mas com jurisdicção por elle delegada, e não em virtude da que lhe havia conferido aos amotinados. Os dous Ministros, confitados na sua

innocencia, haviam já partido para Santos, onde não acharão a Salvador Corrêa, que se havia ausentado para as minas do Sul, donde partiria a dar algumas providencias relativas a outras da Serra acima; porém este generoso Governador, reconhecendo em S. Paulo a irreprehensivel conducta desses homens, os mandou publicar innocentes, por hum bando de 20 de Janeiro do mesmo anno, ordenando que ambos reassumissem a justa posse de seus cargos. Neste mesmo bando concedeu tambem o perdão de quaisquer ditos ou accens, em que os moradores de S. Paulo houvessem cahido na occasia do tumulto.

Com tão prudentes e sabias providencias, de mistura com a sua affabilidade e recidão, conseguiu Benevides ganhar os corações daquelles mesmos Paulistas, que antes lhe erao desafficoados pelas rasoens, que havemos exposto.

Em pouco mais de tres mezes, que por aqui se deusiron este genio creador, fez levantar 70 pontes; melhorou as estradas, por onde até então ninguém transitava sem muito trabalho, e grandes perigos; e deu providencias para que os viajantes achassem canoas promptas nos rios não vadaveis. A todos fez justiça com brandura; e os Paulistas presenciando o seu zelo pelo augmento do Estado, o seu desvelo pelas conveniencias dos povos, e mais que tudo as suas lisongeiras attentoes, desejavão perpetuar a sua residencia na Capitania de S. Vicente. Constando-lhes pois que Salvador Corrêa estava determinado a retirar-se para a Villa da Ilha Grande, com o designo de accelerar a conclusão de huma Não, que alli se estava construindo, concorreria ao Paço do Conselho todas as pessoas mais distinctas da Villa, e acordaria, que se escrevesse ao Governador, pedindo-lhe instantemente, que não sabbisse de S. Paulo, nem fosse para a Ilha Grande, porque não obstante pertence a ella naquelle tempo a Capitania de Itanhaen, ficava

com tudo muito proxima ao Rio de Janeiro, e por isso corria alli risco a sua pessoa. Elles concluíão a carta com estas formaes palavras: " Tou-
" dos os moradores desta Villa, em seu nome, e
" de todos desta Capitania, pedimos a Vossa Se-
" nhoria nos declare, se leza intenção de passar
" a aquella Cidade do Rio de Janeiro, sem esperar
" nova ordem de S. Magestade, porque nós como
" seus vassallos leaes, estamos aparelhados com
" pessoas, vidas, e fazendas para acompanhar a
" Vossa Senhoria, assim em rasão do serviço de
" S. Magestade, como da obrigação em que Vos-
" sa Senhoria nos tem posto com a sua affabili-
" de, e bom governo de justiça. " A esta carta
" respondeu Salvador Corrêa de S. e Benevides em 2
" de Março de 1661; e agradecendo muito o zelo,
" e interesse que tomavão pela sua pessoa, expunha
" as rasoens urgentes, que o constrangião a retirar-se,
" e a esperanca em que estava de que o Rio de
" Janeiro já estivesse socegado.

Não se enganava o prudente e perspicaz Governador naquella conjectura. Ciano os seus inimigos erao poucos, nesta Capitania, não só a maior parte da nobreza, mas tambem os homens cordatos e de probidade condemnavão a scdijão, e os faroeres da gentalha; e esta, reconhecendo finalmente a gravidade de seu crime, passou, como de costume, de hum desenfreado atrevimento, a hum franco e puillanimo temor do castigo merecido. Foi por isso para os sublevados alegre a nova do generoso perdão, que o Governador lhes concedera, e agora cuidavão sómente em cumprir a condição, com que lhes fora ontorgada. Não se pôde duvidar que para isso muito concorresse a noticia do offercimento dos Paulistas, formidaveis naquelle tempo, assim pelo exercicio que tinham dos combates, criando-se por assim dizer na guerra contra os barbaros, com o porque com estas podião facilmente pôr em campo hum exercito numerozo de bons soldados.

Em Março desceu Salvador Corrêa para Santos, e daqui partiu para Ilha Grande, onde lhe foi participada a noticia de estar já tudo em socego no Rio de Janeiro. Voltou finalmente para esta Cidade; mas não se pôde assignar o mez, em que a ella se restituiu; e estava sabê-se que já nella existia no 1.º de Julho de 1661.

Durante a sua ausencia, depois de deposedo Thomé Corrêa Alvarenga, e de haver governado a Camara conjunctamente com Agostinho Barbalho Bezerra, houve duas epochas notaveis; a primeira desde 8 de Fevereiro até 11 de Abril, em que a Camara teve só o manejo do Governo; e a segunda, que começou no ultimo dia da primeira, em que governou o Mestre de Campo João Corrêa de Sá, filho de Salvador Corrêa. Ignora-se a razão desta alternativa, mas há algum fundamento para crer, que o virtuoso Barbalho continuasse em subtrahir-se á accção de huma auctoridade, que lhe era conferida por vias incompetentes; que a Camara fatigada destas repulsas, tomasse o partido de arrogar a si o Governo, e que finalmente na occasião do arrependimento, ou por ser João Corrêa o maior Patente, ou por lisongaearem ao Pai, sujeitando-se ao filho, lhe entregariam as redeas do Governo.

Salvador Corrêa de Sá e Benevides continuou a immortalisar a sua memoria, e ainda governava a 17 de Janeiro de 1662. O seu brilhante Governo, semeador de sedições e de tumultos, deixa bem reconhecer o fundo de prudencia, e de conhecimento do coração humano, que elle possuia em grão superior: raras, e apreciaveis dotes, sempre uteis, mas indispensaveis aquelles, que se destinão a reger os povos. Oxalá fossem mais communs, ou sempre tão bem escolhidos como este, os homens que se determinão para esta delicada empreza!

Salvador Corrêa entregou o Governo do Rio de Janeiro a Pedro de Mello, a quem S. Magés-

tade o conferiu a 20 de Novembro de 1661. Este Governador tomou posse no anno de 1662.

Seguiu-se D. Pedro Mascarenhas, que governava a 23 de Maio de 1667, e ainda regia esta Capitania a 28 de Agosto de 1666.

Sucedeu João da Silvave Souza pelos annos de 1670, o qual ainda governava em 30 de Novembro de 1673.

Vio depois Mathias da Cunha, que administrava esta Capitania pelos annos de 1678.

D. Manoel Lobo foi nomeado Governador desta Cidade inda antes de 19 de Setembro de 1677; e por hum Decreto de 12 de Novembro de 1678 lhe foram tambem sujeitas as Capitanias do Sul, com o fundamento de que, só tendo jurisdicção sobre ellas, podia executar as ordens, de que vinha encarregado. Tomou posse a 9 de Maio de 1679; e em Outubro do mesmo anno partiu para Santos, aonde chegou a 30 do dito mez. Daqui velejou para o Rio da Prata, a fundar a Nova Colonia junto da Ilha de S. Gabriel; e tendo alli sido atacado pelos Hespanhoes de Buenos Ayres, foi feito prisioneiro, e lá morreu.

Na ausencia do precedente ficou regendo a Capitania João Tavares Roldon até Janeiro de 1681.

A 28 daquelle mez tomou conta do Governo o Mestre de Campo Pedro Gomes, por Carta Regia, que lhe devolia a authoridade no impedimento de D. Manoel Lobo.

Seguiu-se o Mestre de Campo Duarte Teixeira Chaves, que tomou posse a 3 de Junho de 1682. Este Governador passou á Capitania de S. Vicente a dar algumas providencias em qualidade de administrador das minas, e em sua ausencia ficou a Camara governando.

Foi o immediato João Furtado de Mendonça, que tomou posse a 22 de Abril de 1686.

O Senhor D. Pedro, sendo ainda Regente da

Reino, e mandando reedificar a Colonia do Sacramento por D. Francisco Naper, de Lancastro, a quem fez Mestre de Campo, e Governador da mesma Colonia; lhe ordenou que governasse o Rio de Janeiro até a chegada do Governador, que para aqui nomeasse. Lancastro tomou posse deste Governo a 24 de Junho de 1689.

Sucedeu a Lancastro Luiz Cezar de Menezes, que tomou conta do Governo a 17 de Abril de 1690.

Antonio Paes de Sando governou o Rio de Janeiro pelos annos de 1693, e por seu falecimento ficou o Senado regendo esta Capitania.

D. João de Lancastro, sendo Governador Geral do Estado, proveni do Governo do Rio de Janeiro em Andre Cozaco, Irlandez, e Mestre de Campo do Terço velho da Cidade da Bahia, que d'elle se apossou em 7 de Outubro de 1694.

Vcio depois Sebastião de Castro Caldas, que tomou posse a 19 de Abril de 1695.

POLITICA.

Copia de huma Carta de Mr. de Krusemark.

Paris 27 de Março de 1813.

Senhôr Duque. — Acato de receber ordem do meu Soberano para pôr na vossa presença o seguinte: — As proposições, que anteriormente tive a honra de dirigir-vos, erão de tal natureza, que merecero huma resposta tão pronta como decisiva. Os progressos das armas Russas no centro da Monarquia, não consentem que a Prussia prolongasse mais aquelle estado de incerteza, em que está. Por huma parte o Imperador da Russia, unido no Rei por laços de amizade pessoal, offerece á Prussia neste momento decisivo o auxilio do seu poder e

as vantagens da sua amizade; por outra Sua Magestade o Imperador dos Francezes persiste em repellir hum Alliado, que se tem sacrificado em sua causa; e ainda desdenha *explicar-te* sobre os motivos do seu silencio. Por muito tempo a França tem infringido em todos os pontos os tratados, que a ligão com a Prussia. Não contente com haver dictado em Tilsit huma paz *igualmente dura e luminhante*, ella nem ainda lhe consentio gozar das insignificantes vantagens, que parecia conceder-lhe aquelle tratado. Ella fez uso de pretextos odiosos para abater até os alicerces a fortuna do Estado e dos particulares. Desde aquella epoca, a Prussia foi tratada como hum paiz conquistado, e opprimida por hum jugo de ferro. *Os Exercitos Francezes ficarão nella contra os termos do Tratado*, e nella viverão a discreção durante desoito mezes: fôrão-lhe impostas contribuições exorbitantes e arbitrarias; obrigando-a a adoptar o systema continental, arruinou o seu commercio: poz guarnições Francezas nas tres fortalezas do Oder: o paiz foi obrigado a pagar a despeza dos seus soldados; em summa, pelo Tratado de Bayona, se dispoz dos bens das viuvas e dos orphãos, em manifesta contradicção ás convenções do tratado de paz: tudo annunciava que não se guardava especie alguma de attenção com hum estado infeliz e opprimido. Neste estado de cousas, a paz era hum beneficio illusorio. O Rei gemia debaixo do enorme pezo, que opprimia seus vassallos. Elle se lisonjeava de vencer á força de condescendencia e sacrificios huma animosidade, da qual conhecia os effeitos, porém cujos principios elle ignorava. Entregou-se á esperanza de poupar ao seu povo maiores desgraças, enchendo escrupulosamente suas obrigações para com a França, e evitando tudo quanto poderia offenderla. Por esforços extraordinarios e nunca ouvidos, a Prussia conseguiu pagar dois terços da contribui-

ção; preparava-se para pagar o resto, quando se levantaram nuvens entre a Russia e a França, e quando os immensos preparativos destes duas Potencias não o deixaram duvidar que hia aringar-se a guerra no Norte. O Rei, fiel ao seu principio de salvar a todo o custo a existencia nacional, julgando do futuro pelo passado, sentio que *tinha tudo que zener da Franca. Sacrificou as tuas affeições*, e concluiu com ella hum tratado de alliança. Na epoca da conclusão do tratado, antes de chegar a noticia a Berlim, as tropas Francezas entraram na Pomerania e na Marcha Electoral. O Rei vio com pezar que não se tinha attenção ás suas intencões francas e leaes. Ellas obtiverão por força o que parecia impossivel conseguir por negociaçõens. Agentes da Prussia, atterrados pela ameaçadora attitude da França, assignarão em Pariz convençõens separadas, que continuão condiçõens sumamente peçadas, relativas ás provisõens e misteres do Grande Exercito. O Governo Francez, instruido da mediocridade de nossos recursos, previo huma recusa, preparou-se a ganhar o consentimento do Rei pelo apparatus da força, e enganou-se. Sua Magestade ratiificou aquellas convençõens, ainda que sentisse a difficuldade de as desempenhar: contou com a affeição dos Prussianos, e esperou que, definhando a extensão dos nostros sacrificios, livraria o seu povo de requisiçõens arbitrarías, e de suas fataes consequencias. A experiencia não justificou esta esperança. Em quanto a Prussia esgotava todos os seus meios para metter em armazens os generos estipulados, *as Escribas Francezas vivião á custa dos particulares*. Ao mesmo tempo se exigio o cumprimento do tratado, e o consumo diario das tropas. A sagrada propriedade dos habitantes era tirada a viva força, sem fazer disso o menor caso; e a Prussia perdeu por estes actos de violencia mais de 700 cavallos, e 2000 carruagens.

Sem embargo de todos estes grilhoens, o Rei fiel ao seu systema, encheu com religiosa fidelidade todas as obrigaçõens, que havia contrahido. Realizaram-se felizmente os subsidios; adiantou-se o contingente estipulado; nada se omitio para provar a lealdade do nosso procedimento. A França só correspondeu a estes sacrificios com pretencõens sempre novas, e julgou-se habilitada para dispensar-se da sua parte de satisfazer as estipulaçõens do tratado, que estão a seu cargo. Recusou constantemente examinar as contas dos subsidios ministrados, ainda que fosse obrigada formalmente a ajusta-las todos os tres meaes.

A Convenção militar segurava ao Imperador, até novo arranjo com a Prussia, a posse das fortalezas de Glogau, Stettin e Custrin, mas as municipiõens da primeira daquellas praças devião ser á custa da França desde a data da assignatura daquellea convenção. O Rei, annuindo a este artigo, tinha já dado á França provas da sua condescendencia, renunciando ás estipulaçõens de 1804; conforme as quaes Glogau devia ser dada á Prussia, logo que esta houvesse pago metade das contribuiçõens. A França não guardou melhor o novo tratado do que o precedente. As provisõens de Glogau, e das outras fortalezas, que a Convenção mencionava, e o pagamento das contribuiçõens já realisado no mez de Maio do anno passado, sem embargo das mais urgentes representaçõens, continuão até hoje á custa da Prussia. A Convenção nada estipulava a cerca das fortalezas de Pellau e Spandau; por consequência ellas devião ficar occupadas pelas tropas Prussianas: com tudo as tropas Francezas entraram nellas por huma especie de surpresa militar, e conservaram-se.

Em quanto se augmentava indefinidamente o pezo das despesas da Prussia — em quanto *ella prezava que*, depois de haver pago a sua contribui-

ção, os seus avanços subião a sommas immensas — recusou-se-lhe teimosamente todo o genero de soccorro: respondeu-se a todos os seus pedidos com hum silencio de desprezo, e exigindo incessantemente novos sacrificios: parece que se considerava como nada os esforços incomprehenzíveis de huma nação sobre-carregada. No fim do anno passado, os avanços da Prussia importavão em 94,000,000 de francos. As contas estavão na melhor ordem, em que podião estar, considerando a constante recusa das Authoridades Francezas em ajusta-las na fórma do tratado. Sua Magestade nunca cessou de representar por via de seus agentes, que cumpria fazer justiça ás suas requisições — que os seus Estados exhaustos não podião já supprir os exercitos Francezes. O Rei, por então, se limitava a pedir huma conta acerca d'ellesse avanços, declarando ingenuamente, que elle não respondia pelo resultado, no caso de não ser attendido. Esta linguagem, tão justa como clara; estas representações, fundadas nos titulos mais sagrados, ficaram sem resposta, e sómente produzirão vagos protestos, e promessas distantes. De mais, como se não fosse bastante infringir os tratados mais positivos, succederão novos procedimentos para illustrar a Prussia a respeito das tenções do Imperador, e de quanto ella devia esperar d'elle. O Rei, vendo huma parte das suas provincias invadida, e outra ameaçada, não podendo contar com o soccorro dos exercitos Francezes, foi obrigado a reforçar o seu; e sendo o caminho ordinario fastidioso e insufficiente, Sua Magestade dirigiu huma appellação aos moços Prussianos, que quizessem alistarse debaixo das suas bandeiras. Esta desperto em todos os corações o desejo de servir a patria. Preparava-se hum grande numero de voluntarios para sahir de Berlim para Breslau, quando agredou ao Vice-Rei prohibir qualquer recrutamento, e a partida dos voluntarios nas provincias occupas.

das pelas tropas Francezas. Esta prohibição foi expedida da maneira mais peremptoria, e creem que o Rei tivesse participação alguma. Hum ataque tão directamente disparado contra os direitos de Soberania, excitou no coração de Sua Magestade, e no dos seus feis vassallos, huma justa indignação. Ao mesmo tempo, e em quanto as fortalezas sobre o Oder devião por muito tempo ter sido municionadas á custa da França, depois do Imperador haver declarado formalmente em huma Audiencia dada a Hatfeld, que elle prohibia aos empregados Francezes fazerem algum genero de requisição nos estados do Rei, os Governadores daquellas fortalezas receberam ordem para tomar a viva força dentro de hum circulo de dez legoas, tudo quanto fosse necessario para a sua deteza e sustento. Esta ordem injusta e arbitraria, a qual tambem não tiverão o incommodo de communicar ao Rei, foi executada em toda a sua extenção, a despeito dos sagrados direitos da propriedade, e com procedimentos violentos, que serião difficil descrever. Apesar de todas as razões, que o Rei tinha para romper com a França, elle queria ainda tentar o effeito de negociações. Elle informou ao Imperador Napoleão que elle queria mandar huma pessoa de confiança ao Imperador da Russia para o obligar a reconhecer a neutralidade da parte da Silesia, que a França tinha reconhecido. Erão os únicos meios, que restavão ao Rei, desamparado, ao menos por então, pela França, para ter hum seguro asylo, e não se achar na cruel situação de deixar os seus Estados. O Imperador declarou-se altamente contra este passo, e não se dignou de explicar-se sobre as proposições, que acompanhavão a abertura. Em tal estado de cousas, não podia por mais tempo ficar dvidoso a decisão do Rei. Elle tinha (amos havia) sacrificado tudo á conservação da sua existencia politica: — agora a França compromettia aquella exist-

tencia, e nada fazia para protege-la. A Russia pôde aggravar suas desgraças, e generosamente se offerece a protege-lo. O Rei não pode hesitar: — fiel aos seus principios, e aos seus deveres, ajunta os seus exercitos aos do Imperador Alexandre, mudando de systema sem mudar de objecto. Elle espera, rompendo com a França, e apegando-se á Russia, conseguir, por huma paz honrosa, ou a força de armas, o unico objecto da sua vontade — a independencia do seu povo — os beneficios, que della resultão, — e a herança de seus pais, metade da qual lhe tem sido roubada. O Rei adherirá, com todo o seu poder, a toda a proposição conforme aos communs interesses dos Soberanos da Europa. Elle deseja ardentemente que elles cheguem a hum estado de cousas, em que os tratados não sejam mais *simplices vragos* — em que a força venha a ser a garantia da justiça, — em que cada hum, voltando aos seus naturaes direitos, não seja atormentado em todos os pontos da sua existencia, pelo abuso do poder.

Isto he, Senhor Duque, quanto estou encarregado de informar a V. Excellencia. Digne-se partici-pa-lo a S. Magestade o Imperador. A Europa tem visto com assombro a longa resignação de huma nação distinta nos annos da historia pelo seu brilhante valor, e pela sua nobre perseverança.

Agora guiado pelos mais sagrados motivos, ninguém ha entre nós que não esteja determinado a sacrificar todas as considerações nos grandes interesses do Throno, á patria, e á independencia da Europa: ninguém que não julgue felicidade morrer por este nobre fim, e defendendo os seus lares.

Eu tenho ordem de caminhar immediatamente para o Rei, meu augusto Amo, com o Principe Hatzfeldt, com seu Particular Conselheiro de Estado Beguolin, e outras pessoas empregadas em diferentes missões. Tenho a honra de rogar a V. Excellencia

que me envie os passaportes necessarios para este fim.

Appresso-me a renovar-vos, ao mesmo tempo, os protestos da minha mais alta consideração.

(Assignado)

Krussemarch.

Resposta á nota de Mr. o Barão de Krussemarch.

Paris 1 de Abril de 1813.

SEnhor Barão, — Puz na presença de Sua Magestade Imperial e Real, a Nota, que me fizestes a honra de dirigir-me a 27 de Março.

Tudo que merece mais séria consideração pôde reduzir-se ao seguinte: —

Que a Prussia sollicitou e concluiu hum alliança com a França em 1812, porque os exercitos Francezes se approximarão mais aos Estados Prussianos, do que os exercitos Russos.

A Prussia declara em 1813 que ella infringe os seus Tratados, porque os exercitos Russos estão mais perto dos seus Estados, do que os exercitos Francezes. A posteridade julgará se hum tal procedimento he fiel, e digno de hum grande Principe, conforme á equidade, e san politica.

Ella fará sempre justiça á perseverança do vosso gabinete nestes principios.

Em 1792, quando a França estava interiormente agitada por huma Revolução, e ainda não sendo atacada por hum formidavel inimigo, parecia proxima a abismar-se, a Prussia lhe fez guerra.

Tres annos depois, e no momento, em que a França triumphou das potencias unidas, a Prussia abandonou os seus alliaados, deixou a parte da combinação juntamente com a sua fortuna, e o

Rei de Prússia foi o primeiro dos Soberanos que tomaram armas contra a França, que reconheceu a Republica.

Havião apenas passado quatro annos, (1799), quando a França sentiu as alternativas da guerra; perderão-se algumas batalhas na Suissa e na Italia; o Duque d'York desembarcou na Hollanda, e a Republica foi ameaçada pelo Norte e pelo Sul: a Fortuna mudou, e a Prússia mudou com ella.

Mas os Inglezes foram expulsos da Hollanda; os Russos foram batidos em Zurich; a victoria seguiu outra vez as nossas bandeiras na Italia, e a Prússia tornou a ser amiga da França.

Em 1805, a Austria tomou as armas; levou os seus exercitos até o Danubio; tomou posse da Baviera; e em quanto as tropas Russas passarão o Niemen, e avançará para o Vistula. A união de tres grandes Potencias, de seus immensos preparativos, parecia prestigar não menos do que a ruina da França. A Prússia não hesitou hum instante; armou-se; assignou o tratado de Berlin; e os munes de Frederico Segundo foram chamados para testemunhas do eterno odio, que ella votava contra a França. Quando o seu Ministro, mandado a S. M. para lhe dictar a lei, chegou a Moravia, os Russos haviam perdido a batalha de Austerlitz, e a potencia á generosidade dos Francezes o permitiram voltar para a sua patria. A Prússia immediatamente rompeu o tratado de Berlin, concluido só seis semanas antes, abjurou o celebrado juramento de Potsdam; trahiu a Russia, bem como trahia a França, e entrou com nosos em novas obrigações. Mas destas eternas fluctuações em politica, procedeu huma real anarquia na opinião publica da Prússia; houve hum levantamento nos espiritos dos homens, que o Governo Prussiano não era capaz de dirigir, supportarão-no, e em 1806 declararão guerra contra a França, no momento, em que era do seu

maior interesse conservar com ella boa harmonia. A Prússia, sendo inteiramente conquistada, não se ella mesma, acima das suas proprias esperanças, admittida a assignar em Tilsit huma paz, pela qual recebia tudo, e nada perdia.

Em 1809 rebentou a guerra com a Austria; a Prússia hia outra vez mudar de systema; mas não deixando os primeiros acontecimentos militares duvida sobre o resultado definitivo da campanha, a Prússia deixou-se governar pela prudencia, e não ousou declarar-se.

Em 1811, ameaçada a Europa com huma nova guerra pelos preparativos, que fazia a Russia, a situação geographica da Prússia, não lhe permittia ficar espectadora indifferente dos acontecimentos, que estavam a ponto de effectuar-se; e vós, Senhor Barão, fostes encarregado no mez de Março do mesmo anno de sollicitar a alliança da França; e escuso lembrar-vos o que se passou n'aquelle periodo. Escuso repetir, assim as vossas continuas instancias, como os vossos ardentes discursos.

S. Magestade, recordando-se do que era passado, ao principio hesitou na partido, que havia de tomar. Mas pensou que o Rei da Prússia, ensinado pela experiencia, por fim percebia a inconstante politica do vosso Gabinete. Elle se julgou obrigado pelo passo, que havia dado em S. Petersburgo, a prevenir o rompimento. Além disto era contrario á sua justiça e ao seu coração declarar a guerra simplesmente por considerações de interesses politicos. Olhou aos seus sentimentos pessoais para com o vosso Soberano, e consentio em fazer com elle huma alliança.

Em quanto os acasos da guerra nos foram favoraveis, a vossa Corte se mostrou fiel; mas apenas os rigores temporários do inverno atacarão os nossos exercitos no Niemen, quando a desecção do General D'York despertou suspeitas muito bem

fundadas, o comportamento equivoco da vossa Corte em tão ponderosa circumstancia: a partida do Rei para Breslau; a traição do General Bulow, que abriu ao inimigo as passagens do Netzer-Oder: os publicos Editaes para excitar huma mocidade turbulenta e facciosa a tomar as armas; a junção em Breslau de homens apontados por chefes dos amotinadores, e como os principaes motores da guerra de 1806; as communicações diarias estabelecidas entre a vossa corte, e o quartel general do inimigo, ha muito que não deixavão em duvida as resoluções da vossa corte; quando, Senhor Barão, eu recebi a vossa nota de 27 de Março, e ella não me surpreheheu. A Prussia, dizem, pertende recobrar a herança de seus antepassados, mas não lhe perguntaremos, se, quando falla de perdas, que a sua falsa politica lhe fez sofrer, ella não fez igualmente algumas acquisições para pôr na balança, — se, entre estas acquisições, não ha alguma, que ella deve á sua infiel politica? Ella deve a Silesia ao desamparo de hum exercito Francez nas muralhas de Praga; e todas as suas acquisições na Alemanha á infracção das leis e interesses do Corpo Germanico.

A Prussia falla do seu desejo, de obter huma paz fundada em huma solida base; mas como he possível contar com huma solida paz com huma potencia, que se creê justificada, quando quebra as suas obrigações, segundo os caprichos da fortuna?

S. Magestade prefere hum inimigo declarado a hum amigo sempre pronto a desampara-lo.

Não levarei mais longe estas observações; contentar-me-hei com perguntar que faria hum illustrado Politico, e hum amigo do seu paiz, que mentalmente pondo-se ao leme dos negocios da Prussia, desde o dia em que estalou a revolução da França, se conduziisse segundo os principios de huma politica san'e moral?

Metteria elle a Prussia em 1792 em huma guerra, em que ella se arriscava em favor de estados mais poderosos do que ella? E se o fizesse, aconselharia elle que suspendesse as armas antes de acabar a Revolução?

Se, não obstante, elle fosse levado a reconhecer a Republica, não teria elle persistido no seu systema, — não teria elle procurado tirar vantagem delle, e aproveitar daquelles sentimentos que a França havia abraçado por hum Principe, que por amor della, arrostou os prejuizos do tempo? Elle teria estabelecido a influencia da Prussia no Norte, por alianças, a Monarquia de Frederico teria sido mais firmemente estabelecida, e a Prussia haveria fundado sua interior felicidade, e a sua consideração em huma apertada união com a França: Ella não se deixaria inchar em 1799 pelas vantagens passageiras de nossos inimigos.

Em 1805 elle haveria engeitado com politica e dignidade a aliança, á qual a Inglaterra, a Russia e a Austria, de mãos dadas entrário em reciprocos empenhos para obrigar a Prussia. Sem embargo, se obrigado por circumstancias imprevisas, elle houvesse firmado hum juramento sobre o tumulo de Frederico, elle não deveria quebra-lo depois da batalha de Austerlitz; elle haveria tomado o unico caminho honroso em huma falsa determinação, persistindo fiel áquelles Alliados, que erão maltratados pela fortuna.

Se em 1810 elle pensasse poder esquecer-se do que a Russia havia feito em favor da Prussia em Tilsit, quanto permitião as circumstancias; e se houvesse assignado a Alliança com a França, elle devia permanecer fiel a ella. Elle teria achado em acontecimentos inesperados huma occasião da Prussia representar hum bello papel, apertar da sua fraqueza, e manifestar decisivos sentimentos, e dos quaes podia para o futuro allegar a honrosa lembrança

72. Esta fiel resolução segoraria á Prússia a estima ainda de seus inimigos. Ella haveria servido não ao seu odio, mas aos seus verdadeiros interesses: porque o General D'York não haveria sido traidor, e o General Bulow não haveria arreigoado, e os Russos não passarão o Oder; e não se haverão exposto á catastrophe, que os ameaça: em somma a França sentindo a falta de hum medianteiro entre ella e a Russia, te-lo-hia achado na Prússia fiel, e teria contentido em engrandecer pelo interesse do seu systema, e para paz e descanso do mundo, que he a sua unica vista, huma Potencia, cuja sinceridade tinha sido posta em prova.

Agora, Senhor Barão, que resta á Prússia? Ella nada tem feito a bem da Europa; nada tem feito pelo seu fiel Alliado; nada fará pela paz. Huma potencia, cujos tratados são condicionaes, não pode ser huma útil medianteira; ella nada garante: não he mais do que hum assumpto de discussão; ella nem ainda he huma barreira. O dedo da Providencia se tem mostrado nos acontecimentos deste inverno; elle os produziu para desmascarar falsos amigos, e mostrar os fiéis; elle deu a sua S. M. forças sufficientes para segurar o triumpho de hums, e o castigo dos outros.

Terminando as minhas transacções com vós, Senhor Barão, eu me dou os parabens de ter de expressar-vos que S. M. está satisfeito com o vosso procedimento todo o tempo, que haveis residido junto delle.

Compadeço-me de vós, como militar e como homem de honra, de que fosseis obrigado a assignar semelhante declaração.

Tenho a honra de enviar-vos os passaportes, que me pedistes.

Rogo-vos, Senhor Barão, que acciteis a certeza da minha alta consideração.

(Assignado) O Duque de Bassano.

Manifesto do Rei de Dinamarca, que apparece em hum papel Official dinamarquez, datado de Copenhagen, e 23 de Abril.

A Corte de Suecia achou conveniente chamar o seu Encarregado dos Negocios, que ultimamente foi nomeado para esta Corte. Em consequencia o mesmo Encarregado dos Negocios na Corte de Suecia sahe de Stockolm.

Não obstante que o modo ordinario de tratar negocios nacionaes já não existe entre as respectivos Cortes Dinamarqueza e Sueca, continuará ainda a communicação ministerial por troca de cartas.

A presente mudança de situação entre as duas Cortes não pôde deixar de chamar a attenção de seus vassallos.

O Rei da sua parte não deu causa a ella.

Todos os seus vassallos estão já convencidos de que S. Magestade recusou ceder seu Reino de Noruega, ou huma parte d'elle, pela compensação offercida de haver praças e terras confinantes com o Ducado de Holstein.

O amor, que S. Magestade tem ao seu paiz, affiança que o Seu Senhor e Rei põem muita confiança na lealdade e affeição do seu povo, para resolver-se, em qualquer circumstancia que seja, a troca-lo por estrangeiros, e cuja affeição S. Magestade não tem direito, quando de motu proprio não requerem a protecção de S. Magestade.

Costumado a ver a boa vontade, com que os seus vassallos sacrificão as suas vidas, e prosperidade em huma guerra defensiva tão continuada, Sua Magestade está seguro de que sempre achará todos os Dinamarquezes, Noruegezes, e Holsteinezes prontos a defenderem a independencia do seu Estado, e a sua inteira preservação, caso que os esforços do Soberano em fazer outra vez a paz seão abortivos: ou hum systema de abuso obrigue a S. Magestade a requerer nos seus prezados vas-

sallos novos esforços para a sua segurança, e a do throno.

Resumo Politico.

AS noticias ultimamente recebidas pelas folhas Inglezas não satisfazem a geral expectação. A Península não tem sido ainda theatro de alguma acção igual á dos Arapiles, que trouxesse com siigo decididas vantagens. Successos parciais dos bravos Mina e Longa, e hum denodado ataque da expedição da Sicilia, são compensados pelo desastre de Yécla, e perda consideravel de dous regimentos Hespanhoes. Os inimigos desalojados de hums postos, passão a occupar outros, e parecem tentar huma reunião: todavia o exercito alliado começa a fazer movimentos, e o mez de Maio deve provavelmente ser feccido em estrondosos acontecimentos, que, segundo he de esperar da pericia dos nossos chefes e do valor das nossas tropas, segurarão a nossa independencia dos ataques da perfidia. Em quanto continuamos na Providencia o complemento das nossas esperanças, a Allermanha nos offerece hum espectáculo digno da nossa admiração.

Os Reis Monarcas da Russia e da Prussia, congregados estreitamente, e jurando restaurar a liberdade da Allermanha, se abalanço ás maiores emprezas, ajuntão todas as forças militares das duas naçoens, fazem extraordinarios sacrificios, e colhem o fructo de seus desvelos, assim na successiva deffecção dos pequenos satellites, como nas renhidas batalhas, que briosamente tem sustentado. Luneburgo foi o theatro de hum bem concertado ataque, pelo qual pequenas forças desalojaram de huma Cidade fechada hum corpo consideravel, e pelas mais acertadas combataçoens, apanharão ás mãos os que escaparão ao ferro dos Alliados. Este feliz começo não foi estéril. Hum golpe de mão de Mestre flivrou Berlin das fúrias dos inimigos. O Conde de Wittgenstein os atacou com a sua costumada intel-

ligencia e felicidade, e Mockern, Zerbest, e Danigkow forão testemunhas do valor das tropas alliadas: em quanto os aggressores do Continente perderão 25 homems entre mortos e feridos, e perto de 15 prisioneiros.

Não seguirei passo a passo aquellas tropas victoriosas. Já tive a satisfação de expor ao publico as suas vantagens, em lugar mais opportuno. Saltarei por tanto aos principios de Maio, epoca dos maiores acontecimentos. Allí nos offerecem os papeis Francezes victorias assignaladas, mas que são desmentidas por noticias de Berlin. No dia 1.º huma acção entre o General Winzingerode, que commandava tres divisõens, e todo o exercito Francez, privou este do General Bessieres, Duque de Istria, de outros Generaes, e de grande numero de Officiaes. No dia 2.º foi sem duvida mais renhido o ataque; não se sabe ao certo quem commandava o exercito alliado: noticias de Berlin dão o commando ao General Blucher, o que prova que não era a missi toda do exercito, como os Francezes pretendem. Os Francezes conferão a perda de 105 homems, que hum Redactor affirma que equivale a 500 na arithmetica das outras naçoens, e attribuem aos Russos 25 a 300. Esperamos ansiosamente que os Officiaes dos Russos nos conduzão na indagação desta verdade.

No dia 3 parece ter havido huma acção entre Macdonald e Mileraovitch, que igualmente dizem ser a favor dos Francezes, mas contação huma perda de 600 homems.

Estas são as noticias mais notaveis militarmente, mas quanto á politica parece merecer muita attenção a real cooperacão da Suedia, a decisão de Saxonia, e talvez a oscillação da Austria. Não quero avançar coisa alguma, em quanto as trevas da incerteza derem hum caracter de mysterio. No N.º seguinte desenvolverei estes objectos, guiado pela informação mais exacta de factos importantiss.

CORRESPONDENCIA.

Lemos com muito prazer hum artigo de hum Jornal muito acreditado, e cujos Redactores não podem ser suspeitos nem de ignorancia, nem de preensão: da primeira, pelos seus acreditados talentos e profundo saber; da segunda, porque nenhuma relação nos liga, salvo o concorde fim de sermos utcis no Publico, *haud patribus aquis*. Todos sabem que eu fallo do N.º 27 do *Investigador Portuguez em Inglaterra* — Artigo Político — paginas 389.

„ Recebemos o Prospecto de hum Jornal, que se vai publicar no Rio de Janeiro, e que vamos com muito gosto inserir em o nosso, porque o achamos mui digno disso. . . Este novo Jornal he consagrado ás Sciencias, Literatura, Política, Agricultura, Commercio, &c., e se o Prospecto for dignamente desempenhado, como he de esperar, não só dos conhecidos talentos, e saber do seu Redactor, como tambem do auxilio, e cooperação, que lhe tem promettido pessoas recomendaveis por suas qualidades, e por seus conhecimentos: este Jornal será por certo muito interessante á propagação das luzes pelo vasto e nascente Imperio do Brazil; e mostrará, se ainda he preciso, que a *accusação de inepto*, que nos *fazem authores estrangeiros, e por desgraça alguns nacionaes* he injusta e filha, ou da ignorancia, ou do orgulho e presumpção, ou talvez de tudo junto. „

Agradecido á lisonjeira esperanza dos sabios Redactores, quanto convencido de que apenas possuo dezoitos do Publico interesse, capazes de superarem a minha inercia, eu aproveitarei este honroso obsequio para animar o meu espirito abatido, e fazer-me arrosttar difficuldades apenas superaveis, para desempenhar, quanto permitirem minhas debéis forças, a epigraphie que escolhi.

Continuação de Estado da atmosfera

Junho.

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
		Grãos	Pol.	Vint. Mil.	
28	67½	30	1	36	claro
29	67½		0	10	
30	67	29	19	12	nebrina

Julho.

Dia	Ther.	Bar.			Tempo
		Grãos	Pol.	Vint. Mil.	
1	68	29	19	12	claro
2	68		18	28	
3	69		16	26	
4	70		15	34	nebrina
5	70		16	0	chuva
6	68		17	36	denso
7	64½	30	1	0	
8	64		0	24	muita chuva
9	65		0	4	pezado
10	65		0	0	claro
11	64	29	19	20	
12	64		19	0	claro
13	67		18	1	chuva
14	66		17	34	claro
15	68		17	22	
16	71		16	20	
17	72		16	40	
18	73		13	0	pezado
19	73½		15	34	claro
20	72½		16	44	
21	68½	30	0	16	

INDICE.

CHIMICA.

Memoria sobre hum novo principio da Theorica do Calorico. Por Silvestre Pinheiro Ferreira. 3

MINERALOGIA.

Memoria feita pelo Dezembargador José Bonifacio de Andrade. 11

HYDROGRAPHIA.

Reflexões sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro da mundo, e a necessidade de hum nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento Fenecca. 17

ARTES.

Continuação da descripção do Alambique n.º 2 p. 99 deste periodico, e construcção de huma fernalha pertencente ao mesmo Alambique. Por Gaspar Marques. 35

LITTERATURA.

Ode aos felicissimos annos da Serenissima Senhora D. CARLOTA JOAQUINA, Princesa do Brazil. 38

Epigrammas de Diniz. 40

Ode. 41

A liberdade. 42

Soneto do Doutor Ignacio José de Alvaranga. 46

GEOGRAFIA.

Descripção Geografica da Capitania de Mato Grosso. 47

HISTORIA.

Continuação das Memorias Historicas sobre o Rio de Janeiro continuada do N.º 6.º pag. 44. 58

POLITICA.

Copia de hum Carta de Mr. Krusemarck. 66

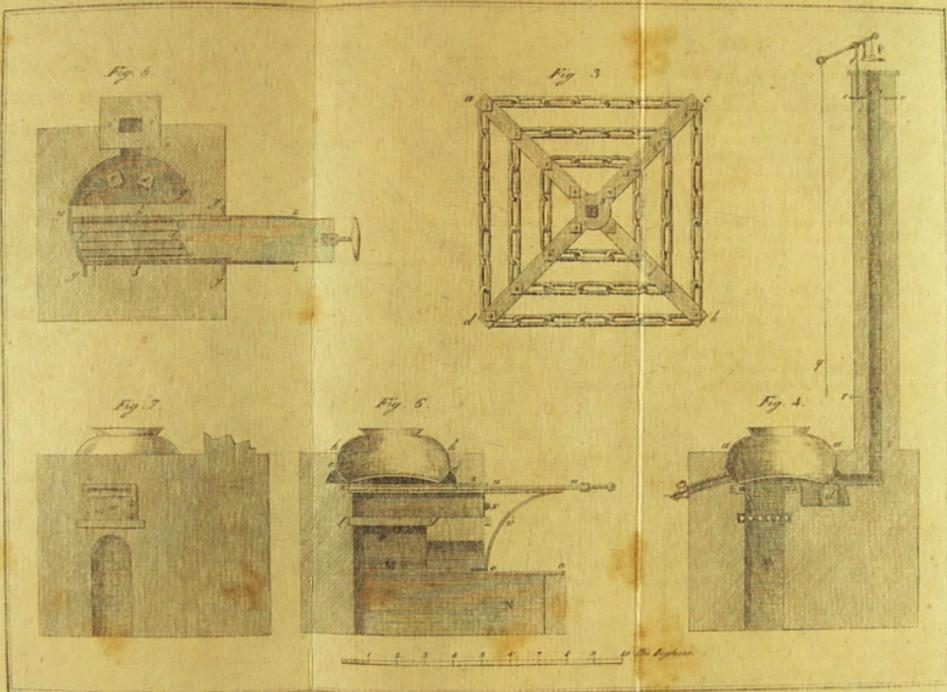
Resposta á nota de Mr. o Barão de Krusemarck. 73

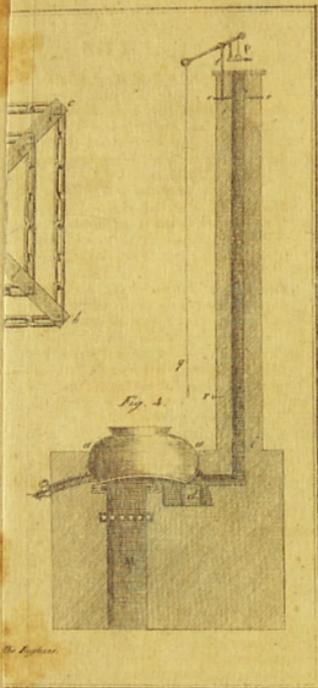
Manifesto do Rei de Dinamarca, datado de Copenhagen, a 23 de Abril. 79

Resumo Politico 80

Correspondencia. 82

Continuação do Estado da atmosphera. 83





O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra ame, e a minha gente.*

Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. n.º

AGOSTO.

Reservado da Secção
Biblioteca Nacional

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.

1813.

Com Licença.

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na
rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma
se subscreve a 4000 reis por semestre.*